

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGENS E EDUCAÇÃO A
DISTÂNCIA

Maria de Lurdes Rodrigues dos Santos

Uma análise da literatura catarinense em diferentes suportes narrativos

Florianópolis

2019

MARIA DE LURDES RODRIGUES DOS SANTOS

**UMA ANÁLISE DA LITERATURA CATARINENSE EM DIFERENTES
SUPORTES NARRATIVOS**

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Linguagens e Educação a Distância (polo de São José/SC) da Universidade Federal de Santa Catarina apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Linguagens e Educação a Distância.

Orientador: Prof. Dr. José Ernesto de Vargas
Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Thaís Fernandes

SÃO JOSÉ

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Santos, Maria de Lurdes Rodrigues dos

Uma análise da literatura catarinense em diferentes
suportes narrativos / Maria de Lurdes Rodrigues Santos ;
orientador, José Ernesto de Vargas, coorientadora, Thaís
Fernandes, 2019.

62 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Curso de
, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Ciências Humanas. 3. Letras. 4. EaD. 5. Literatura
Catarinense. 6. Suportes Narrativos. I. Vargas, José
Ernesto de. II. Fernandes, Thaís. III. Universidade
Federal de Santa Catarina. . IV. Título.

MARIA DE LURDES RODRIGUES DOS SANTOS

**UMA ANÁLISE DA LITERATURA CATARINENSE EM DIFERENTES SUPORTES
NARRATIVOS**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Especialista em Linguagens e Educação a Distância e aprovado em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Educação a Distância da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 17 de agosto de 2019.

Celdon Assinado de forma digital por
Celdon Fritzen:55654711920
Fritzen:55654711920 Dados: 2019.10.24 10:16:47 -0200'

Prof. Celdon Fritzen, Dr.

Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. José Ernesto de Vargas, Dr.

Orientador

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Thaís Fernandes, Dr.^a

Coorientadora

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Marina Siqueira Drey Ms.^a

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^ª. Isabela Melim Borges Sandoval Dr.^ª.

Universidade Federal de Santa Catarina

Este trabalho é dedicado aos docentes do Curso, em especial a minha orientadora, Prof.^a Thaís, aos meus colegas de classe, ao meu esposo, Rudnei, e aos meus filhos Zion e Anny.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, a minha família, que sempre incentivou o estudo como a melhor forma de alcançar nossos sonhos.

Aos professores do Curso de Pós-Graduação em Linguagens e Educação a Distância, que tanto contribuíram com os seus saberes nesta jornada em busca de novos conhecimentos.

À professora Thaís Fernandes, que aceitou ser minha orientadora. Agradeço pela disponibilidade, pelo incentivo e direcionamento da pesquisa, pela partilha de conhecimentos, pela paciência nos momentos em que desanimei, deixando de dar o meu melhor, e pela contribuição para a minha formação.

À UFSC, por proporcionar a realização desta pós-graduação sem custos.

Ao prazer de conhecer a Elivânia Pereira da Silva, minha companheira em alguns trabalhos e uma amiga muito querida.

Meu especial carinho às tutoras do Curso, principalmente à Isabel Maria Barreiros Luclktenberg, que tirou dúvidas, socorreu quando não sabia como utilizar o *Moodle*, orientou, incentivou e apoiou. Um trabalho excepcional.

Ao coordenador, professor Celdon Fritzen, uma pessoa muito acessível e que se desdobrou para que o Curso seguisse seu rumo de forma tranquila. Mesmo quando sentiu que os ventos não eram favoráveis, quando faltaram recursos, o coordenador esteve presente e lutou para a continuidade do trabalho.

Ao meu amor, Rudnei, meu esposo, meu amigo e meu maior incentivador. Obrigada pela companhia nas madrugadas, por ouvir meus textos, mesmo quando desconhecia o conteúdo. Suas palavras de incentivo foram providenciais em meio ao meu desânimo. E os passeios que você fez com a nossa pequena foram momentos de isolamento para mim e essenciais para a finalização deste TCC.

Também agradeço ao meu filho Zion, suas interrupções me tiravam do foco, mas às vezes era tudo o que eu precisava para renovar ideias e ver o outro ângulo de um assunto.

O leitor que está em mim entranhado e o escritor que, tímido, por vezes me visita referem-se à palavra como ao próprio sangue da vida: à palavra não como uma convenção estéril, não como um código por trás do qual só existem as vagas nuvens do sonho, mas um instrumento vivo – eternamente vivo – com o qual os homens e as coisas se movimentam. Penso na palavra integral: barro para a arte sensual das sonoridades e das metáforas, luz para a procura da verdade, chave que liberta profundíssimos fantasmas, grito que incita, faca de defesa e de ataque, sussurro que seduz, balanço que acalenta. Penso na perpetuidade desse valor que define por excelência o homem no quadro da natureza. Caem os impérios, mas ela fica, impressa no papiro ou na mente das gerações, confundida com o próprio ar que não deixa os corpos morrerem. (CARDOZO, F. Discurso de recepção na Academia Catarinense de Letras, 30 de maio de 1985, p. 21-22).

RESUMO

Os suportes narrativos acompanham a evolução da humanidade. Porém, alguns se perpetuam por serem populares, mais acessíveis ou representativos de determinado segmento da sociedade. Neste trabalho, os suportes serão divididos em “narrativas de papel” e “janelas virtuais” e representados pelos livros *A literatura dos catarinenses: espaços e caminhos de uma identidade* (2012), obra do escritor Celestino Sachet, e *O mito e o rito: uma leitura de autores catarinenses* (1987), de autoria de Lauro Junkes, e, ainda, pela revista *Suplemento Literário A Ilha*. Já os novos suportes, denominados “janelas virtuais”, serão o *Sarau Eletrônico* da FURB e o site desenvolvido pelo Núcleo de Pesquisas da UFSC - Nupill, dois sites de literatura digital. Os suportes serão analisados e comparados com vistas a entender o que é suporte narrativo, quais suas semelhanças e diferenças e quais as contribuições para o estudo, através da EaD, da narrativa e da memória literária catarinense.

Palavras-chave: Suporte de texto. Literatura catarinense. EaD.

ABSTRACT

Narrative media accompany the evolution of humanity. However, some perpetuate themselves by being popular, more accessible or representative of a certain segment of society. In this work, the supports will be divided into "paper narratives" and "virtual windows" and represented by the books *The literature of Santa Catarina: spaces and paths of an identity*, work of the writer Celestino Sachet, and *The myth and the rite: a reading of authors of Santa Catarina*, written by Lauro Junkes, and also by the magazine *Suplemento Literário A Ilha*. The new supports, called "virtual windows", will be the *Sarau Eletrônico* of FURB and the UFSC research group, designated Nupill, two sites of digital literature. The supports will be analyzed and compared with a view to understanding what narrative support is, what their similarities and differences are and what contributions to the study, through e-learning, of narrative and literary memory of Santa Catarina.

Keywords: Text support. Literature of Santa Catarina. E-learning.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa do livro <i>O mito e o rito</i>	14
Figura 2 – Capa do livro <i>A literatura dos catarinenses: espaços e caminhos de uma identidade</i>	14
Figura 3 – <i>Print</i> da tela inicial do Portal Catarina	15
Figura 4 – <i>Print</i> da tela inicial do site Sarau Eletrônico	15
Figura 5 – Capa da revista <i>Suplemento Literário A Ilha</i>	16
Figura 6 – <i>O mito e o rito</i>	33
Figura 7 – <i>A literatura dos catarinenses: espaços e caminhos de uma identidade</i>	33
Figura 8 – Site do Nupill	36
Figura 9 – Portal Catarina	37
Figura 10 – Sarau Eletrônico	38
Figura 11 – Revista <i>Suplemento Literário A Ilha</i>	39
Figura 12 – Exemplar de março/2019	41

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Vantagens e desvantagens do uso dos suportes.....	27
Quadro 2 – Vantagens e desvantagens de <i>sites</i> , livros e revistas	28
Quadro 3 – Como explorar um portador de texto tipo livro ou revista	32
Quadro 4 – Como explorar um portador de texto tipo <i>site</i>	35
Quadro 5 – A exploração de um texto de divulgação científica.....	40

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
FURB	Universidade Regional de Blumenau
Nupill	Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 METODOLOGIA.....	16
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	18
3 A AVALIAÇÃO DAS NARRATIVAS DE PAPEL E DAS JANELAS VIRTUAIS	27
3.1 ALGUMAS “NARRATIVAS DE PAPEL” E “JANELAS VIRTUAIS”	28
3.1.1 A exploração de “narrativas de papel”	32
3.1.2 As “janelas virtuais”	34
3.1.3 A transição	39
4 A AVALIAÇÃO CRÍTICA DOS SUPORTES NARRATIVOS	43
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	54
ANEXO A – CATEGORIAS DOS INDICADORES DE AVALIAÇÃO	58

1 INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é reunir o coletivo do conhecimento construído durante um ano e meio de curso, a bagagem de leituras de uma vida e a perspectiva de contribuir para a educação, em particular, para a abordagem da literatura, sobretudo a literatura catarinense. O trabalho começou a tomar forma durante o primeiro encontro da disciplina de metodologia, quando os professores chamaram a atenção da turma para a necessidade de construir algo capaz de democratizar o conhecimento. Houve a possibilidade de optar entre a modalidade de criação midiática ou de reflexão teórica, sendo o registro deste último feito no formato de monografia, devendo abordar temas tratados durante o Curso. Em decorrência dessa abertura, o trabalho final é uma reflexão teórica, cuja intenção é contribuir para o estudo da literatura catarinense analisando diferentes suportes narrativos.

Esse intento foi traduzido no objetivo geral deste TCC, que é analisar alguns *websites* que apresentam obras e autores catarinenses e suportes narrativos de papel (livros e revistas), avaliando criticamente as diferenças e as semelhanças, bem como a importância desses estudos para a narrativa e a memória literária do estado de Santa Catarina. E, para concretizar este trabalho, traçamos alguns objetivos específicos a serem alcançados, quais sejam: relacionar os conceitos básicos de literatura, literatura catarinense e suporte narrativo; identificar a proposta de alguns *websites* de universidades da região catarinense que dispõem de material relativo à narrativa ficcional e à memória literária do estado; analisar alguns suportes narrativos impressos que estudam a literatura catarinense; e comparar suportes narrativos impressos e digitais e identificar suas contribuições para o estudo da literatura.

No segundo capítulo serão trabalhados os conceitos básicos de literatura, literatura catarinense e suporte narrativo, e a diferença entre suporte e gênero narrativo, suas vinculações e influências na formação dos gêneros textuais, incluindo um breve resumo sobre a evolução dos suportes narrativos desde a Antiguidade até o ciberespaço.

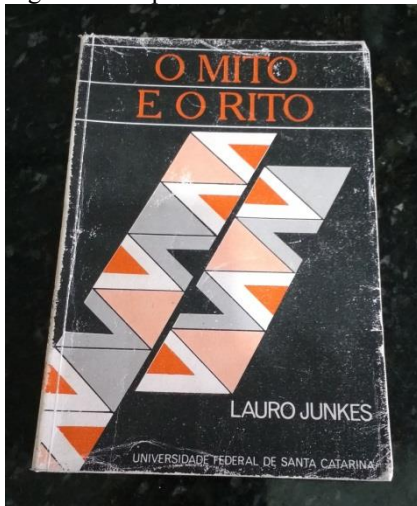
No capítulo seguinte serão analisados alguns *websites* que apresentam obras e autores catarinenses. Da mesma maneira, serão avaliados alguns suportes narrativos de papel – livros e revistas – que registram a história e a ficção catarinense. No decorrer do trabalho pretende-se explicar o porquê de as escolhas recaírem sobre determinados autores e *sites*.

Já no quarto capítulo efetua-se uma avaliação crítica dos diversos suportes narrativos, apresentando diferenças e semelhanças e uma reflexão sobre a importância desses estudos para a narrativa e a memória literária do estado. Neste ponto, o propósito é realizar uma discussão sobre a relação da literatura com o meio digital e, ainda, explorar as muitas

possibilidades de contribuição do ensino a distância para o estudo e a divulgação da literatura catarinense.

A Figura 1, a seguir, representa um exemplo de suporte narrativo, um livro impresso, obra do professor Lauro Junkes que aborda uma leitura de autores catarinenses.

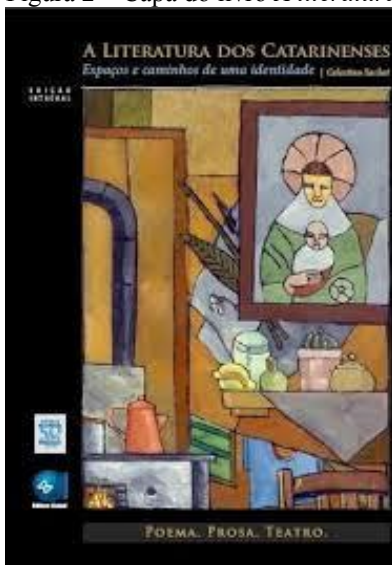
Figura 1 – Capa do livro *O mito e o rito*



Fonte: Arquivo pessoal.

A seguir, na Figura 2 tem-se a capa do livro *A literatura dos catarinenses: espaços e caminhos de uma identidade*, obra do escritor Celestino Sachet, considerada um painel da arte ficcional dos catarinenses no sentido mais amplo que se possa conceber.

Figura 2 – Capa do livro *A literatura dos catarinenses: espaços e caminhos de uma identidade*

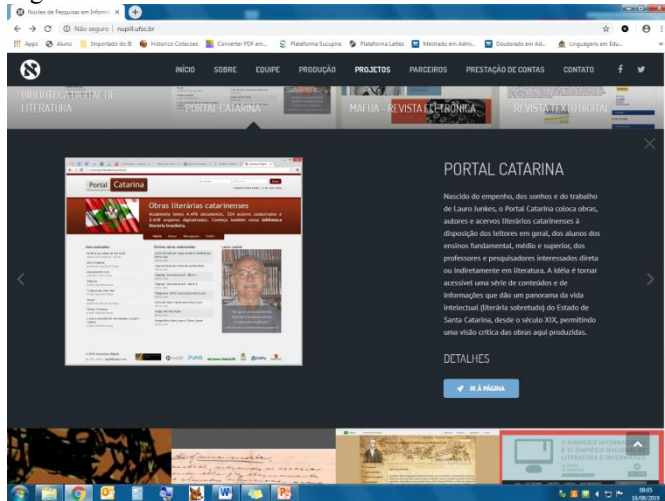


Fonte: Site da livraria Saraiva.

O Nupill, Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística, apresenta o

Portal Catarina, uma proposta literária abrangente que inclui a oferta de textos literários digitalizados, acompanhados de ferramentas que permitem estudar e ensinar literatura, com destaque para o acervo literário catarinense. Na Figura 3, a seguir, apresenta-se o *print* da tela inicial do Portal Catarina, um projeto vinculado ao site.

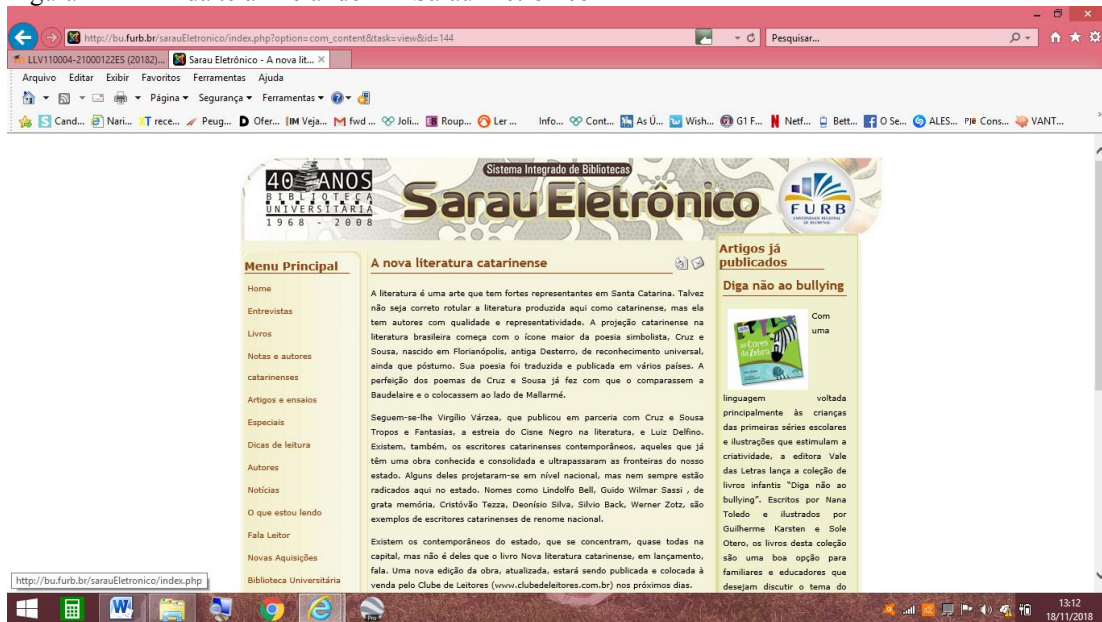
Figura 3 – *Print* da tela inicial do Portal Catarina



Fonte: *Site* do Nupill, da UFSC.

O Sarau Eletrônico é um *site* criado e mantido pela biblioteca da Universidade Regional de Blumenau. É um ambiente para colocar a literatura em debate, havendo espaço especial para a divulgação de títulos e autores catarinenses, com destaque para os estreates. A seguir, na Figura 4 apresenta-se a tela inicial do *site*.

Figura 4 – *Print* da tela inicial do *site* Sarau Eletrônico



Fonte: *Site* Sarau Eletrônico, da FURB.

A revista *Suplemento Literário A Ilha* foi fundada há 38 anos pelo Grupo Literário A Ilha com a finalidade de divulgar literatura, cultura e informação pertinente a essa área. Em 2018 tornou-se eletrônica e se subdividiu para atender também a autores de outros estados do Brasil. Na Figura 5, a seguir, apresenta-se a capa da edição de setembro de 2018 da Revista.

Figura 5 – Capa da revista *Suplemento Literário A Ilha*



Fonte: Site da revista *Suplemento Literário A Ilha*, do *Jornal Sudoeste*.

1.1 METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa utilizada neste trabalho, em decorrência da intenção de estudar os diferentes suportes narrativos que têm ajudado a popularizar a literatura catarinense, é de âmbito explicativo. O propósito é entender o que são os suportes narrativos e quais contribuições podem dar para o melhor entendimento do assunto, do contexto e do período em que a obra foi criada, permitindo uma interação com o leitor/receptor/interlocutor. Essa disposição de avaliar criticamente os suportes narrativos conduz todo o trabalho, recorrendo a alternativas que indiquem se um suporte é mais eficiente que outro; se as características pessoais do interlocutor podem interferir na eficiência desse suporte; se o

estudo de literatura requer um tipo de suporte específico; se a variação deles enriquece, complementa; e se existe relação de dependência entre um e outro, fazendo com que o estudante de literatura recorra a livros impressos, revistas e internet para abstrair desse conjunto uma ideia mais aprofundada da temática.

Os dados foram obtidos de forma subjetiva, através de análise documental, elegendo alguns *sites*, livros e revistas da área de literatura, com a finalidade de obter sustentação teórica para as hipóteses nomeadas na introdução. Os materiais eleitos para o estudo, citados anteriormente, são os livros *A literatura dos catarinenses: espaços e caminhos de uma identidade*, obra do escritor Celestino Sachet, e *O mito e o rito: uma leitura de autores catarinenses*, de autoria de Lauro Junkes, assim como a revista *Suplemento Literário A Ilha* e os *sites Sarau Eletrônico* da FURB e o portal de literatura digital da UFSC, executado pelo Nupill, especificamente o projeto Portal Catarina. A escolha das “janelas virtuais” foi feita através de navegação na internet, assessorada pelo buscador Google, que apontou alguns sites que apresentavam conteúdos relativos à literatura produzida no estado catarinense. Já os livros escolhidos, as “narrativas de papel”, tiveram por base seus autores, os pesquisadores e historiadores locais, professores Lauro Junkes e Celestino Saquet. Ambos, profícuos exploradores da memória literária catarinense. A revista foi selecionada tanto por transitar entre o virtual e o impresso, quanto pela sua origem, o Grupo Literário *A Ilha*, e pelo seu tempo de trajetória, quase 40 anos divulgando a literatura produzida no estado de Santa Catarina.

A análise foi construída a partir de uma abordagem da Teoria Fundamentada, através da observação e dos documentos relativos ao tema. Foi realizada uma descrição pormenorizada de cada um dos suportes e, posteriormente, uma comparação entre os suportes mencionados, culminando com a contribuição da EaD para o estudo da literatura catarinense, pois há muitos desafios para a promoção da educação a distância, sendo um deles cercar-se das mais diversas estratégias para obter a interatividade e a reciprocidade aluno/professor no ambiente de aprendizagem.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As visões de um leitor podem ser por demais complexas, vários mitos e ritos permitem nortear esta ou aquela trajetória. Neste caso, certa didática se impõe. Para chegarmos à contribuição da EaD para o estudo da literatura catarinense, analisando diferentes suportes narrativos, começaremos a discussão buscando alguns conceitos básicos. Abordaremos primeiramente a noção de literatura. Na visão abrangente de Antoine Compagnon, “[...] no sentido mais amplo, literatura é tudo o que é impresso (ou mesmo manuscrito), são todos os livros que a biblioteca contém” (COMPAGNON, 2010, p. 31). Esse é um conceito genérico que tende a abarcar diferentes áreas e incluir tudo o que foi escrito e pode ser guardado em um local de consulta e estudo.

Afrânio Coutinho apela para imaginação e arte, incluindo a estética e o prazer de ler ou ouvir. Para ele,

A literatura é uma arte, a arte da palavra, isto é, um produto da imaginação criadora, cujo meio específico é a palavra, e cuja finalidade é despertar no leitor ou ouvinte o prazer estético. Tem, portanto, um valor em si, e um objetivo, que não seria de comunicar ou servir de instrumento a outros valores – políticos, religiosos, morais, filosóficos. (COUTINHO, 1955, p. 71).

Essa é uma visão direcionada para a literatura enquanto parte da vida das pessoas, capaz de aglutinar criação e realidade, um instrumento de comunicação de suas ideias, de seus valores. Mas, acima de tudo, um apelo ao prazer estético, aos sentidos do leitor, uma catarse, uma interação escritor/obra/leitor. O prazer estético é entendido como essencial para conceituar um texto como literário. Há toda uma dimensão artística que povoa o imaginário do autor e do leitor e que é expressa através da palavra: “O valor do significado está essencialmente radicado na ficção, no suceder fictício; o valor da expressão está essencialmente radicado na linguagem. Sem intenção estética aplicada à linguagem não existe literatura, porque não há dimensão artística.” (MENEZES, 1993, p. 13). Reforçando a ideia, Lauro Junkes trata dos elementos básicos do fenômeno literário, destacando que, “(...) literatura é uma arte. Portanto, a obra literária é um objeto estético. Uma realização formal que atualiza em discurso as virtualidades dos códigos linguístico, retórico, estilístico, simbólico, ideológico, etc.” (JUNKES, 1987, p.11)

Já Candido vê uma ligação entre a literatura e a vida em sociedade. Para ele, literatura não é só prazer, trata-se de conhecimento, de poder, através da ficção podemos experimentar sensações e resolver problemas viajando nas páginas de um livro:

A literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 1995).

Marisa Lajolo contribuiu para o entendimento do que é literatura, ressaltando a interação autor/leitor e o uso da linguagem subjetiva:

É a relação que as palavras estabelecem com o contexto, com a situação de produção da leitura que instaura a natureza literária de um texto [...]. A linguagem parece tornar-se literária quando seu uso instaura um universo, um espaço de interação de subjetividade (autor e leitor) que escapa ao imediatismo, à predictibilidade¹ e ao estereótipo das situações e usos da linguagem que configuram a vida cotidiana. (LAJOLO, 1981).

É a arte da palavra exercendo as funções psicológica, formadora e social. Através delas o leitor desenvolve sua intelectualidade, vivenciando a realidade das personagens, incorporando essas experiências à sua bagagem pessoal. Convergindo do conceito geral de literatura, nos transportamos para a literatura catarinense, utilizando como fio condutor a arte literária que pode ser produzida por alguém natural do estado, alguém que migrou de outro lugar e passou a residir e laborar em terras catarinenses, ou ainda, escritores catarinenses que se tornaram cidadãos do mundo, morando em outros estados ou países. Celestino Sachet sinaliza para a identidade de grupo, sublinhando a existência de modos de ser, pensar ou escrever que se assemelham:

A literatura produzida neste pedaço do Brasil, plantado a oeste do Oceano Atlântico, a leste da Argentina, entre o sul do Paraná e o norte do Rio Grande do Sul, está energizada por um espaço físico – o **locus** – e pelo espírito catarinense – o **animus** – diferenciado de um argentino de um paranaense ou de um gaúcho. (SACHET, 2012 – grifo do autor).

Também recorremos a Lauro Junkes e a algumas digressões sobre o tema que tornam sua explicação possível: “[...] Podemos reconhecer uma literatura ‘catarinense’? Ou convém antes falar na produção literária realizada em Santa Catarina? É literatura catarinense ou literatura de Santa Catarina? A discussão é livre!” (JUNKES, 1992, p. 12). O professor Lauro Junkes era um grande estudioso das obras de catarinenses, sua contribuição teórica sobre o

¹ A expressão pode ser entendida como previsibilidade.

tema abre uma polêmica sobre a existência de uma literatura catarinense ou de Santa Catarina: “[...] após ler e reler centenas de livros, cabe a conclusão de que existem obras de autores catarinenses portadoras de valores estéticos e humanos. Existe uma literatura de Santa Catarina” (JUNKES, 1987, p. 15).

Essa discussão sobre a existência ou não de uma literatura de cunho regional, também é partilhada por Candido: “Se não existe literatura paulista, gaúcha ou pernambucana, há sem dúvida uma literatura brasileira manifestando-se de modo diferente nos diferentes estados.” (CANDIDO, 2000, p. 127)

Ele defende a ideia de que a produção da obra é de cunho individual, mas que sua expressão, enquanto literatura, traz o conceito de coletivo, pois é a reunião da palavra e da imagem em conjunto com a sociedade, que se agrupa em um espaço definido, unindo-se em torno de certas ideias, valores, cuja obra ressoa. Segundo Candido,

Assim, não há literatura enquanto não houver essa congregação espiritual e formal, manifestando-se por meio de homens pertencentes a um grupo (embora ideal), segundo um estilo (embora nem sempre tenham consciência dele); enquanto não houver um sistema de valores que enforme a sua produção e dê sentido à sua atividade; enquanto não houver outros homens (um público) aptos a criar ressonância a uma e outra; enquanto, finalmente, não se estabelecer a continuidade (uma transmissão e uma herança), que signifique a integridade do espírito criador na dimensão do tempo (CANDIDO, 2000, p. 127-128).

Outro autor que deixou sua percepção registrada acerca do regionalismo é João Cabral de Melo Neto² (ATHAYDE, 1998), para ele: “O que interessa é o problema do homem. Quando me bato pelo regionalismo é para mostrar, numa anedota, o local, os sentimentos comuns a todos os homens. O homem só é amplamente homem quando é regional [...]”. Autor conhecido muito além das suas fronteiras, por registrar o conteúdo humano em sua obra, personagens sofridos, lutadores, que carregam consigo a cultura rural, as impressões próprias do meio, ou a saudade da terra. Temas que são ligados ao regionalismo, mas não necessariamente estão presos à linguagem regional.

Independente da linha de pensamento sobre a existência ou não de uma identidade literária de Santa Catarina, há estudos relativos ao tema, dos quais selecionamos dois expoentes, Lauro Junkes e Celestino Saquet, autores cujos trabalhos dão visibilidade ao que é produzido no estado, a expressão de sua gente, os fatos e os costumes associado a “literatura

² Fragmento da entrevista de João Cabral de Melo Neto a Marques Gastão, no Diário de Lisboa, Lisboa, no dia 3 de maio de 1958.

produzida neste pedaço do Brasil” (SACHET, 2012). Apenas para exemplificar, temos na obra de Lauro Junkes a menção ao livro de Othon d’Eça, *Homens e Algas*, no qual as dunas do Campeche e outras praias da Ilha da Magia recebem diferentes descrições. O autor mostra o intimismo com o mar, vivências de tragédias e realismo de gente sofrida que depende do mar.

É necessário esclarecer que os dois livros escolhidos como representantes das “narrativas de papel” são teóricos, neles, os autores agrupam escritores, dados biográficos e uma seleção de fragmentos de obras produzidas no estado catarinense. Além das obras trabalhadas, Sachet e Junkes têm um histórico de crítica literária e de incentivo às publicações literárias vinculadas à Santa Catarina. Fato bem marcado no fragmento da entrevista de Lauro Junkes, publicada no Anexo – A Notícia:

Baseado nas leituras que faço de autores locais, não vejo nenhum desnível em relação à literatura nacional. Temos bons escritores em todos os gêneros. O problema é que sempre fomos um pequeno Estado espremido entre outros e isso diminui a representatividade. Há dificuldade de escritores em editar livros em São Paulo ou Rio de Janeiro e isso prejudica a leitura deles naquele espaço. As edições feitas no Estado não têm grande distribuição, não recebem apoio ou uma posição especial na mídia nacional. Para valorizar a literatura, é fundamental que ela seja lida. (RAMOS, 2011)

Lauro Junkes foi questionado sobre a representatividade da literatura catarinense e apresentou algumas causas para a falta de valorização da literatura produzida em Santa Catarina. Para ele, o fato de depender dos grandes centros para editar os livros, concorrendo com os autores desses estados é uma das causas, além disso, temos problema de distribuição e de divulgação. No decorrer da entrevista, ele também fala na necessidade dos professores adotarem obras produzidas aqui, para que o aluno tenha contato em sala de aula, leia e comece a valorizar os autores locais, da mesma forma que o estado vizinho gaúcho, que firmou uma política de incentivo a leitura. Sobre esse resgate da literatura local, há um apanhado de ideias, incluindo a discussão do futuro da literatura catarinense dentro da universidade, que a Profa. Tânia Regina Oliveira Ramos, coordenadora do Núcleo de Literatura e Memória da UFSC, traz e se coloca como uma das vozes questionadoras, cogitando sobre “a possibilidade de rever a reabilitação da Literatura de SC. De Santa Catarina. Em Santa Catarina. Catarinense”. E, se estudando e legitimando produções “encaixotadas”, poderíamos “assumir uma postura política”, em defesa “da valorização da nossa arte e de nossos artistas, de nossa poesia e de nossos poetas, de nossa literatura e de nossos escritores.” (RAMOS, 2011).

Há varias vertentes sobre a busca da identidade catarinense, muitos estudos

fragmentados, que ocorrem há muito tempo, discussões imensas sobre a necessidade de se fazer ou não distinção entre a literatura local e a brasileira, se é importante discutir o regionalismo, ou se isso é uma postura ultrapassada, que em nada irá contribuir para a formação de uma identidade cultural própria. Mas, considerando que há uma produção, calcada em pessoas, datas e fatos, ainda que nos falte uma historiografia literária, com o advento de novas tecnologias, contribuições da EaD podem ser significativas para a criação de uma consciência literária catarinense. Livros, revistas e *sites* têm sido os principais suportes de manifestação desse conhecimento. Para entender como essa relação gênero–suporte é delineada, é necessário compreender as diferentes conceituações de suporte narrativo.

Alex Caldas Simões e Maria Carmem Aires Gomes, no artigo denominado “Panorama de estudos linguísticos sobre o suporte: proposições e debates”, nos apresentam os teóricos defensores de quatro correntes distintas. A primeira corrente aborda a perspectiva textual representada por Luiz Antonio Marcuschi³ (2003, 2008); a segunda é um estudo do suporte sob a perspectiva socioretórica, tendo como expoentes Adair Bonini⁴ (2003) e Antônio Duarte Fernandes Távora⁵ (2008); a terceira corrente é uma contribuição de Dominique Maingueneau⁶ (2001), na perspectiva da Análise do Discurso; e por último aparece Alex Caldas Simões⁷ (2010), com a sua perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional.

³ Luiz Antonio Marcuschi foi um linguista e professor universitário brasileiro. Viveu entre 1946 e 2016, em Recife. Formou-se em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1968), realizando doutorado em Letras na Universidade de Erlangen-Nuremberg (1976) e pós-doutorado na Universidade de Friburgo (1988). Sua pesquisa focava-se especialmente em questões de fala e escrita e em gêneros textuais. Desenvolveu a maior parte de sua carreira no Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco.

⁴ Adair Bonini é professor de Linguística e Língua Portuguesa na Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre e doutor em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina, é autor de *Gêneros textuais e cognição: um estudo sobre a organização cognitiva da identidade dos textos* (2002) e de vários artigos publicados em revistas especializadas. Desde 2002, exerce a função de editor chefe da revista *Linguagem em (Dis)curso*. Suas atividades de pesquisa envolvem a análise de gêneros textuais, a leitura e a produção de textos em língua materna.

⁵ Antônio Duarte Fernandes Távora é doutor e mestre em Linguística pela UFC, onde é professor no Departamento de Letras Vernáculas. Atua na área de Linguística, com ênfase em Linguística Textual, pesquisando, principalmente, nos seguintes temas: análise de gêneros e seus suportes.

⁶ Dominique Maingueneau ensina Ciências da Linguagem na Université Paris-Sorbonne (Paris IV). Pesquisa fenômenos da enunciação e, sobretudo, do discurso. Publicou diversas obras, entre as quais *Initiation aux méthodes de l'analyse du discours* (1986), *Gêneses dos discursos* (2008) e *Discours et analyse du discours: introduction* (2014).

⁷ Alex Caldas Simões é professor universitário e pesquisador das Ciências da Linguagem no Instituto Federal do Espírito Santo. Tem se dedicado à configuração de gêneros discursivos, ao estudo das relações gênero/suporte e ao ensino de língua materna. Atua principalmente nos seguintes temas: gêneros discursivos (midiáticos e acadêmicos), ensino, mídia e identidade. Tem atuado nas linhas de pesquisa: (a) Histórias em

O primeiro deles, Marcuschi (2003, p. 11), apresenta o suporte como “[...] um portador de textos”, caracterizando como “[...] um *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto”.

O conceito traz a palavra “portador”, que, de acordo com o dicionário Aurélio (FERREIRA, 2010), significa “que leva ou traz consigo ou em si”. Para materializarmos esse conceito, recorreremos à imagem de um livro, um tipo de suporte capaz de encerrar narrativas diversas no interior de suas páginas. Tem um formato específico, normalmente tipo brochura, com folhas impressas e fixadas numa capa. Esse suporte ocupa um lugar, seja um espaço físico na estante ou virtual, no meio eletrônico, de modo a expor o texto.

Marcuschi (2003) compreende a existência de duas formas de suporte: convencional e incidental. Essas formas são dispostas a partir de seu objetivo primeiro, ou seja, a convencional atende ao propósito de “portar textos”, já a outra se refere a um objeto cuja função predominante é outra, mas que aleatoriamente conduz uma mensagem. Para melhor compreendermos, o convencional é aquele suporte que foi criado com a função de portar, de levar o texto de um lado a outro, de forma padronizada. Já o suporte incidental, como o próprio nome indica, eventualmente exerce a função de portador de texto, mas o faz de forma casual, não é esta a função principal do suporte. Por exemplo, o vidro traseiro de um ônibus ou a sacola plástica do supermercado, são eventualmente portadores de textos, mas suas principais funções nada tem a ver com a materialização do texto.

O segundo autor que esboça um conceito de suporte narrativo é Bonini. Ele segue a mesma linha de Marcuschi com relação à definição de suporte enquanto “portador”, mas Bonini (2011, p. 682) aposta em “elementos híbridos”, que seriam, ao mesmo tempo, um gênero formado por outros gêneros (um hipergênero) e um suporte, sendo exemplos o jornal, a revista, o *site*. O suporte é visto também como elemento de interação. Esclarecendo, para Bonini (2011) o hipergênero é “um modo de organização textual com restrições fracas, que encontramos em épocas e em lugares diversos e no interior do qual encenações de fala diversificadas podem se desenvolver”. Um gênero central, como o jornal, hospedando outros gêneros como a carta do leitor, a manchete, o artigo, a resenha, a charge, a previsão do tempo, a fotografia, entre outros.

Bonini (2011) entende que o suporte está interligado ao gênero e à mídia, mas qualifica suporte como elemento material. O autor acredita que o suporte funciona como base para armazenar o conteúdo ou como forma para registrar a narrativa, ou ainda, como portador

da informação de um ponto a outro.

Távora (2012), ao construir seu conceito de suporte, acumula ideias de Marcuschi e Bonini e agrega ao conceito de suporte uma noção de gênero, sobrepondo um e outro. O gênero cartão-postal, por exemplo, é também um suporte de texto, mesmo que o suporte tente ocultar o gênero, ou vice-versa, o texto ainda está ali e será levado de um leitor a outro. Mas, talvez, o destaque da sua teoria seja o entendimento de suporte como o meio físico, material e de gênero como convenção, símbolo. Para esse autor, “[...] o suporte corresponde a um elemento material responsável pela atualização de gêneros, mas que apresenta uma série de elementos da ordem do convencional (a diagramação no jornal, por exemplo)” (TÁVORA, 2012, p. 682).

O teórico Maingueneau baseia seu conceito de suporte na perspectiva discursiva, traduzido por Távora, no qual ele relaciona o que foi discutido por Régis Debray (1993), quando abordou o conceito de mídia e discurso. Assim, “[...] os suportes devem ser vistos como elementos que podem alterar os discursos em função de representarem sua força material” (TÁVORA, 2008, p. 37). Maingueneau traz uma forte contribuição para as discussões sobre suporte ao compor uma relação mídia–suporte e gêneros.

Para Simões, o suporte é responsável por materializar o gênero. Segundo ele, “[...] o suporte corresponde à organização material da linguagem inscrita no registro” (SIMÕES, 2010). Nessa perspectiva, o suporte evidencia o gênero através de elementos gráficos; com a presença ou a ausência deles é possível atribuir certas características ao texto.

Tantas discussões relativas ao suporte e ao gênero sugerem a necessidade de esclarecer o que é gênero discursivo. Um dos maiores estudiosos do assunto é o teórico russo Mikhail Bakhtin⁸, que explica as diferentes formas de linguagem presentes no texto:

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. [...] Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2003, p. 261-262).

⁸ Mikhail Bakhtin foi um filósofo e pensador russo. Criador de uma nova teoria sobre o romance europeu, incluindo o conceito de polifonia em uma obra literária. Seu trabalho é considerado influente na área de teoria literária, crítica literária, sociolinguística, análise do discurso e semiótica.

Esses gêneros do discurso podem se destacar e convencionar o texto como romance, poesia, artigo etc. ou se mesclarem. Também podem designar um texto oral como uma palestra, um sarau, um debate.

Entre o discurso e o texto está o gênero, que é aqui visto como prática social e prática textual-discursiva. Ele opera como a ponte entre o discurso como uma atividade mais universal e o texto enquanto a peça empírica particularizada e configurada numa determinada composição observável. Gêneros são modelos correspondentes a formas sociais reconhecíveis nas situações de comunicação em que ocorrem. Sua estabilidade é relativa ao momento histórico-social em que surge e circula. (MARCUSCHI, 2008, p. 84).

O gênero, segundo Marcuschi (2008), estabelece uma ponte entre o discurso e o texto. E a intenção do discurso vai definir o gênero a ser escolhido. Cada mensagem, carregada de determinada intenção, será submetida a um gênero e enquadrada na tipologia textual mais adequada à emissão.

O gênero é uma escolha que leva consigo uma série de consequências formais e funcionais. A própria seleção da linguagem segue a decisão do gênero e seu funcionamento discursivo no contexto pretendido. Na realidade, se observamos como agimos nas nossas decisões na vida diárias, dá-se o seguinte: primeiramente, tenho uma atividade a ser desenvolvida e para a qual cabe um discurso característico. Esse discurso inicia com a escolha de um gênero que por sua vez condiciona uma esquematização textual. (MARCUSCHI, 2008, p. 85).

Entrelaçados, gênero e suporte são submetidos aos modismos de época, incrementados pelas novas tecnologias, reciclados e reinventados a cada dia. Não cabe uma discussão sobre se esses suportes narrativos evoluem ou não, mas pode-se dizer que desde a Antiguidade até o ciberespaço há registros de suportes e que eles fazem bem mais do que fixar um texto.

Seria interessante observar como desde a antiguidade os suportes textuais variaram, indo das paredes interiores de cavernas à pedrinha, à tabuleta, ao pergaminho, ao papel, ao outdoor, para finalmente entrar no ambiente virtual da Internet. Mas este é um roteiro de análise que não será aqui percorrido. Com efeito, nossa sociedade foi das inscrições rupestres à pichação urbana, um caminho curioso que sugere inúmeras interpretações e não necessariamente uma evolução. (MARCUSCHI, 2003, p. 9).

A associação entre o gênero e o suporte é inegável, gerando até discussões entre quem determina o quê, se é o suporte que determina o gênero, ou vice-versa. Tais estudos não conseguiram afirmar, categoricamente, quem é soberano nesse quesito; não obstante, é

possível afirmar que cada gênero prevê a necessidade de uso de um suporte que melhor se adéque a ele.

Uma observação preliminar pode ser feita a respeito da importância do suporte. Ele é imprescindível para que o gênero circule na sociedade e deve ter alguma influência na natureza do gênero suportado. Mas isto não significa que o suporte determine o gênero e sim que o gênero exige um suporte especial. Contudo, essa posição é questionável, pois há casos complexos em que o suporte determina a distinção que o gênero recebe. Tome-se o caso deste breve texto: 'Paulo, te amo, me ligue o mais rápido que puder. Te espero no fone 55 44 33 22. Verônica.' Se isto estiver escrito num papel colocado sobre a mesa da pessoa indicada (Paulo), pode ser um bilhete; se for passado pela secretária eletrônica é um recado; remetido pelos correios num formulário próprio, pode ser um telegrama; exposto num outdoor pode ser uma declaração de amor. O certo é que o conteúdo não muda, mas o gênero é sempre identificado na relação com o suporte. Portanto, há que se considerar este aspecto como um caso de co-emergência, já que o gênero ocorre (surge e se concretiza) numa relação de fatores combinados no contexto emergente. (MARCUSCHI, 2003, p. 10).

Uma mesma mensagem pode ser veiculada em diferentes suportes, adquirir formatos diversos, sem perder sua essência. O autor exemplifica com uma breve mensagem para Paulo na qual Verônica pode estar se declarando e informando seu telefone. Diferentes suportes são testados para encaminhar o texto: um papel, em formato de bilhete, uma secretária eletrônica transmitindo um recado, um telegrama, um *outdoor*, cada qual com a sua abordagem e canalizado para um tipo específico de público.

Os autores trazem diferentes perspectivas da noção de suporte narrativo que podem ser aglutinadas aos dados de Elaine Lordello⁹ (2014), autora que trabalha os mesmos tipos de suporte que nos propomos a avaliar: o livro, a revista e o *site*, conforme veremos no capítulo seguinte.

⁹ Elaine Lordello é arquiteta e urbanista. É autora do artigo Narrativas de papel, janelas virtuais, Goiás: suportes narrativos na representação da cidade patrimônio mundial, publicado na *Revista CPC*, em 2014.

3 A AVALIAÇÃO DAS NARRATIVAS DE PAPEL E DAS JANELAS VIRTUAIS

Já fundamentamos a literatura e o suporte; a partir de agora, faremos uma análise dos suportes tanto de papel quanto das janelas virtuais, delimitando o estudo em três suportes: *site*, livro e revista. Faremos uma reflexão sobre a importância desses estudos como registro da história e da ficção catarinense.

Nesse sentido, destacamos as vantagens e as desvantagens do uso de suportes, conforme exhibe o Quadro 1 a seguir.

Quadro 1 – Vantagens e desvantagens do uso dos suportes

SUPORTE	VANTAGEM	DESVANTAGEM
LIVRO	<ul style="list-style-type: none"> - Portabilidade do suporte; - Permite que se façam anotações nas suas margens, oportunizando uma memória do leitor, complementando a obra; - Seu formato atrai o leitor, pois permite folhear, alternar a sequência da leitura, ir e vir, como uma forma de apropriação da narrativa pelo leitor; - Não precisa de internet para acessar. O suporte é acessível a partir de qualquer lugar, mesmo que não haja energia ou sistema; - As ilustrações podem enriquecer a narrativa; - Permite intercalar texto e imagem; - Mais popular; - Função memorialística; - Acessível para a população de baixa renda, se consideramos que pode ser manuseado numa biblioteca ou sebo; - O livro permite vivenciar uma situação, experimentar sensações, através do plano mental (interioridade); - O leitor, na maioria das vezes, encontra uma noção de tempo dentro da narrativa. E essa densidade se torna parte do texto. 	<ul style="list-style-type: none"> - No caso de armazenagem, o livro representa um volume muito grande; - Podem amarelar e desvanecer-se; - Quando o leitor precisa deslocar-se, não é possível carregar uma grande quantidade de volumes, prejudicando a mobilidade.
REVISTA	<ul style="list-style-type: none"> - Formato mais leve; - Poucas páginas; - Permite intercalar texto e imagem; - De fácil obtenção; - Apresenta artigos, críticas e até análises, se consideramos os periódicos científicos; - Acessível, permitindo levar e folhear com facilidade; - Colabora para a memória cultural de um povo; - O fato de ter um formato mais compacto permite que as pessoas colecionem; - Atualmente, a revista está muito próxima do site, muitas já se tornaram eletrônicas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Os dados podem se tornar defasados com maior facilidade; - As revistas que se tornaram eletrônicas e não tem mais a versão impressa se assemelham, enquanto suporte, ao uso do site.
SITE	<ul style="list-style-type: none"> - Permite consultar um fragmento de texto, usando ferramenta de busca; 	<ul style="list-style-type: none"> - A falta do computador inviabiliza o seu uso;

SUPORTE	VANTAGEM	DESVANTAGEM
	<ul style="list-style-type: none"> - Se todas as situações são propícias, conexão, conhecimento de internet, de computação, o site favorece a pesquisa, pois pode recuperar dados facilmente; - É possível acessar de qualquer ponto, desde que haja conexão; - Uso de som, imagem e texto proporciona maior clareza e compreensão da narrativa; - Permite uma leitura não-linear; - Permite intercalar texto e imagem; - Mascara a percepção de envelhecimento. 	<ul style="list-style-type: none"> - A falta de conexão com a internet faz com que o suporte seja ineficiente; - Requer conhecimento de internet, de sistema, de funcionamento de um computador; - Algumas pessoas antipatizam com a ideia de depender de uma máquina para obter os dados ou para fazer uma leitura; - Muitas obras ainda não foram digitalizadas; - As pessoas não veem o computador, tablet ou celular como substitutos do livro.

Fonte: Lordello (2014).

Lordello (2014) separa os suportes em “narrativas de papel” e “janelas virtuais”, exemplificando os primeiros como materiais impressos, livros e revistas; já as janelas virtuais estão representadas pelos *sites*. São suportes diferentes e cada qual cumpre o seu papel, tem o seu público cativo, mas as características de cada suporte, que a autora levanta, nos permitem entender que cada um tem o seu público e que um suporte não anula o outro; em alguns casos, uma convivência pacífica permite que livros se tornem *e-books* e revistas alcancem um contingente maior de leitores pelo fato de apresentarem-se no formato eletrônico.

3.1 ALGUMAS “NARRATIVAS DE PAPEL” E “JANELAS VIRTUAIS”

A origem deste estudo foi o artigo “Narrativas de papel, janelas virtuais, Goiás: suportes narrativos na representação da cidade patrimônio mundial” (2014), de autoria de Eliane Lordello. Nele obtivemos os argumentos para avaliar as vantagens e as desvantagens das “narrativas de papel” e das “janelas virtuais”, dedicando especial atenção aos suportes: *sites*, livros, revistas impressas e eletrônicas. Observamos alguns critérios como acessibilidade, afetividade, aquisição, armazenagem, áudio/vídeo/imagens, conhecimento técnico, inclusões de registro, interatividade, maleabilidade, manuseio, passagem do tempo, popularidade, portabilidade/transporte, preservação da memória, recuperação de dados e resistência do leitor, conforme disposto no Quadro 2 a seguir.

Quadro 2 – Vantagens e desvantagens de *sites*, livros e revistas

VANTAGENS/ DESVANTAGENS	SITE	LIVRO	REVISTA IMPRESSA	REVISTA ELETRÔNICA
ACESSIBILIDADE	Desde que o leitor	Disponibilidade de	Acessível em	Precisa de acesso à

VANTAGENS/ DESVANTAGENS	SITE	LIVRO	REVISTA IMPRESSA	REVISTA ELETRÔNICA
	tenha acesso à internet, pode acessar o material de qualquer ponto.	acessar em qualquer lugar, independente de rede/sistema.	qualquer lugar e, principalmente, pela população de baixa renda.	internet.
AFETIVIDADE	Há muitos modismos que destacam um <i>site</i> ou outro. Além disso, a falta de atualização pode desencantar o usuário que não demonstra tanta fidelidade com o serviço ofertado. Não substitui o texto escrito.	A satisfação de folhear um livro. O cheiro de um livro novo.	A afetividade com a revista pode gerar o interesse por colecionar seus exemplares e formar um acervo.	Muitas revistas eletrônicas ainda possuem uma versão impressa para os leitores mais tradicionais.
AQUISIÇÃO	Não há uma aquisição, mas precisa de um ponto de internet para acessar.	Pode ser comprado em livrarias, lojas de conveniência, sebos ou obtido através de empréstimos pessoais ou em bibliotecas.	Facilidade de aquisição.	Muitas vezes, alguns artigos são abertos e outros de acesso restrito, pago.
ARMAZENAGEM	Os <i>sites</i> costumam renovar suas informações e deletam dados pouco acessados para obter mais espaço virtual.	Muito volume para armazenar.	Muito volume para armazenar.	Nem sempre as edições mais antigas ficam disponíveis.
ÁUDIO/VÍDEO/ IMAGENS	O uso do áudio/vídeo torna a narrativa bastante fluente. Imagens animadas permitem uma nova experiência de leitura.	Alguns livros possuem ilustrações, mas, normalmente, o foco é o texto escrito. E, mesmo quando há ilustrações, são limitadas ou relacionadas à literatura infantojuvenil.	Leitura entremeada de imagens. Mas a informação ainda é apresentada de forma rígida e estática.	Áudio, vídeo e imagens animadas proporcionam uma leitura enriquecedora. <i>Layout</i> bonito e <i>design</i> personalizado.
CONHECIMENTO TÉCNICO	Requer conhecimento de programa/computador.	Apenas a vontade de ler ou um objetivo específico de pesquisa.	Apenas o letramento e o gosto pela leitura.	Requer algum conhecimento do computador para manusear. Nem sempre o <i>layout</i> para a navegação é intuitivo.
INCLUSÃO DE REGISTROS	Alguns <i>sites</i> já permitem que o usuário faça anotações pessoais nos textos.	Apresenta uma segunda memória, a dos leitores, que aproveitam as margens para	Depende do tipo de revista, no caso daquelas que apresentam artigos, geralmente recebem	O usuário tem influência sobre o conteúdo, podendo torná-lo mais atraente.

VANTAGENS/ DESVANTAGENS	SITE	LIVRO	REVISTA IMPRESSA	REVISTA ELETRÔNICA
		efetuar registros manuais de passagens importantes.	grifos, tem textos sublinhados ou são fotocopiadas, escaneadas e compartilhadas.	
INTERATIVIDADE	Sim, possibilita emitir opinião, enviar mensagens, entrar em contato direto com o autor do texto.	Há um distanciamento. Apenas alguns poucos leitores buscam a comunicação com o autor do texto.	A linguagem próxima do leitor faz com que se estabeleça um canal de críticas e sugestões que é divulgado na própria revista, em edições subsequentes.	O meio digital proporciona interatividade entre os usuários.
MALEABILIDADE	O conteúdo assume diversas formas com a intenção de atrair o leitor. Além disso, relatórios podem auxiliar o uso de material mais extenso armazenado no <i>site</i> .	Livro impresso e digital. Porém, muitos títulos, principalmente antigos, não estão disponíveis no formato eletrônico.	Mais recentemente, muitas revistas impressas tornaram-se eletrônicas, podendo ser acessadas via internet. E algumas mantêm os dois formatos.	O conteúdo pode ser adaptado para o veículo em que será lido (computador, celular, <i>tablet</i>).
MANUSEIO	Requer conhecimentos básicos de internet e ponto de acesso. Mas permite uma leitura não linear e é vantajoso para realizar consultas. É possível acessar uma passagem do texto pela ferramenta de busca do programa ou <i>site</i> .	Permite idas e vindas em seu percurso de leitura, mas de modo manual.	Facilidade de manuseio dos textos e de imagens.	Há quem prefira ler no <i>tablet</i> , no <i>smartphone</i> ou na tela do <i>notebook</i> , em vez de ler no papel.
PASSAGEM DO TEMPO	Não se tem a percepção do envelhecimento (tudo parece um eterno aqui/agora).	É possível acompanhar o crescimento/ envelhecimento das personagens no decorrer da história. O tempo é um dos elementos da narrativa. Sentimento de interioridade e continuidade do tempo.	A revista impressa é o próprio registro da passagem do tempo. Suas fotos, capas e mesmo conteúdo mostram um cotidiano e uma linha de tempo que acompanha o desenvolvimento da sociedade.	Não há destaque para dia/mês/ano. Os eventos são mais importantes, mas nem sempre tem uma linha de tempo aparente e clara.
POPULARIDADE	Alguns <i>sites</i> se destacam, apresentando uma grande visitação.	O preço, na maioria das vezes, faz com que o livro não tenha muita popularidade.	Se considerarmos, por exemplo, as revistas em quadrinhos, há uma grande popularidade.	Pesquisas apontam para uma gradual substituição da revista impressa pela versão <i>on-line</i> .

VANTAGENS/ DESVANTAGENS	SITE	LIVRO	REVISTA IMPRESSA	REVISTA ELETRÔNICA
PORTABILIDADE/ TRANSPORTE	O <i>site</i> pode ser acessado, sem precisar ser instalado para poder executar suas funções originais, basta um ponto de internet.	Pode-se levar de um lugar para outro.	Fácil transporte, pois possuem um menor número de folhas e, conseqüentemente, um peso menor.	A versão eletrônica sempre estará atrelada à internet e ao ponto de acesso.
PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA	Nem sempre dados antigos ficam armazenados. Muitos <i>sites</i> priorizam assuntos relevantes, utilizando-se de relatórios para conhecer o interesse de seus usuários.	O livro está associado à preservação da memória.	Enquanto documento, a revista é preciosa para a memória cultural.	Depende da configuração de hospedagem.
RECUPERAÇÃO DE DADOS	Conexões inexistentes ou muito precárias podem prejudicar o acesso à informação.	Dados recuperados facilmente, basta folhear o livro e encontrar a página.	Quando impressa, possibilita a recuperação de dados facilmente.	Depende da plataforma de publicação.
RESISTÊNCIA DO LEITOR	O <i>site</i> significa uma máquina entre o leitor/pesquisador e os dados.	Há uma relação de proximidade. O leitor é atraído pela história e, muitas vezes, se identifica com o personagem ou o narrador da trama.	As revistas trabalham cada vez mais próximas dos <i>sites</i> , mas permitem que as diversas vozes sejam representadas, estabelecendo uma comunicação autor/leitor.	Por serem versões eletrônicas de revistas impressas, têm maior aceitação. No entanto, estranhamento e resistência são comuns quando falamos de mudanças e de tecnologia.

Fonte: Elaborado pela autora, baseada em dados de Eliane Lordello (2014).

Os critérios destacados demonstram que cada suporte tem vantagens e desvantagens. O leitor, ao efetuar sua escolha, precisa levar em consideração os recursos disponíveis (acessibilidade), se é importante para ele a satisfação de folhear um livro novo (afetividade), por exemplo, ou ainda, o quão fácil é adquirir determinado portador de texto, se há interesse e espaço para armazenamento do material lido e se há necessidade de expandir os horizontes da leitura para além dos elementos verbais, acrescentando ilustrações, animações, áudio e vídeo. Também é interessante ressaltar que alguns suportes permitem que o usuário faça anotações no texto, incluindo seus registros pessoais. De igual sorte, a interação com o texto e com o

autor do texto, com a possibilidade de criticar, sugerir e comentar, também pode definir a escolha por determinado portador. Em alguns casos, o material digitalizado ganha destaque, pois o conteúdo pode assumir diferentes formas (maleabilidade) ou proporcionar um manuseio fácil, permitindo a leitura não linear, a portabilidade, a recuperação de dados, a preservação da memória; todos são itens que encontram receptividade e podem popularizar determinado suporte. Entretanto, alguns suportes podem encontrar maior resistência do leitor, principalmente daquelas pessoas mais adeptas a elementos tradicionais; um desses casos é o material digitalizado, suportes como livros e revistas eletrônicas infundem a presença da máquina entre os dados e o leitor/pesquisador. Outra desvantagem, segundo Eliane Lordello (2014), é a necessidade de internet, de ponto de acesso para o suporte poder cumprir seu papel.

Após estabelecer que a escolha de um suporte textual em detrimento de outro é algo muito relativo, pessoal e que abarca muitas variáveis, é interessante questionar quais elementos devem ou podem ser explorados num portador de texto, salientando que no presente trabalho abordaremos somente os suportes textuais livro, revista e *site*.

3.1.1 A exploração de “narrativas de papel”

Massucato e Mayrink (2013) apresentam no *site* Gestão Escolar um texto intitulado “Explorando portadores de textos com as crianças”. Nele orientam professores sobre como apresentar as características dos portadores de textos para os alunos. São listados alguns elementos comuns aos gibis, mas que podem ser transferidos para livros e revistas, uma vez que também são portadores de textos impressos.

Quadro 3 – Como explorar um portador de texto tipo livro ou revista

ELEMENTOS	O QUE OBSERVAR
Capa	Observar título, autor, editora, edição, código de barras, preço...
Contracapa e capa final	Há alguma citação, mensagem, comentário ou biografia do autor.
Propagandas	Se existem, qual a finalidade delas no portador e a quem se destinam.
Conteúdo	De que se trata, é uma única história. Está dividida em capítulos.
Atividades	O livro propõe alguma atividade/exercício.
Contato	Existe um endereço, site, e-mail para que o leitor dê um feedback para

	o autor/editora.
--	------------------

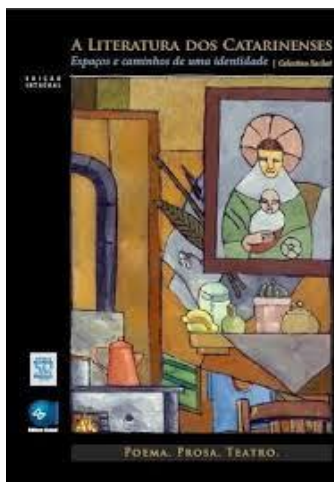
Fonte: Site Gestão Escolar (MASSUCATO; MAYRINK, 2013).

Podemos considerar que essa é uma abordagem básica que elenca os principais itens a serem observados para definir o suporte físico, avaliando suas características como capa, contracapa, capa final, apresentação do conteúdo (capítulos, história única etc.), sugestão de atividades/exercícios, livro-texto (caso tenha esse formato) e, por último, endereço de contato do autor ou da editora.

O livro físico é composto de um grupo de páginas encadernadas, sendo um portador de diferentes gêneros textuais: romances, novelas, crônicas, contos de fada, poemas, fábulas, críticas, artigos compilados, entre outros, distribuídos nos seus espaços.

Para analisar o suporte livro, escolhemos dois exemplares da literatura feita em Santa Catarina. Neles o objetivo dos autores era realizar um panorama das obras ficcionais e poéticas produzidas no estado, incluindo a evolução do processo de criação literária. Ambos foram escritos com a intenção de informar e fazer pensar a literatura dos catarinenses. Os autores são professores dedicados à missão de divulgar o que é produzido no estado. O suporte livro, nos dois casos, é um material impresso que abrange mais de um gênero, pois há fragmentos de prosa, poesia e teatro, mesclados pela análise teórica dos autores, geralmente em forma de ensaios reunidos no volume. Também apresenta abertura e fechamento, no caso prefácio e posfácio de outros autores, uma profusão de gêneros textuais num único suporte.

Figura 7 – *A literatura dos catarinenses: espaços e caminhos de uma identidade*



Fonte: Site da livraria Saraiva.

Figura 6 – *O mito e o rito*



Fonte: Arquivo pessoal.

Se observarmos pelo prisma de Massucato e Mayrink (2013), nos dois livros examinados temos uma capa, cujo título é bastante objetivo, remetendo ao tema a ser desenvolvido. Celestino Sachet intitula seu livro *A literatura dos catarinenses: espaços e caminhos de uma identidade* e Lauro Junkes denomina sua obra *O mito e o rito: uma leitura de autores catarinenses*. No caso da obra de Sachet, há dois formatos: um resumido, com 150 páginas, abundantemente ilustrado, com desenhos do artista plástico Rodrigo de Haro, editado especialmente para o Governo do Estado, copatrocinador, cujo intuito era presentear visitantes; e outro integral, com mais de 600 páginas, catalogando obras desde 1847 até os nossos dias. O livro está dividido em 10 itens: “Ecos da Europa nos cânticos de louvor”, “Lances de inovação estética”, “Espírito acadêmico”, “Liberdade para pensar e para escrever”, “Torturas da forma literária”, “Fascínio pelo exercício poético”, “Intimismo psicossocial”, “Localismo étnico no culto aos ancestrais”, “Ousadias e ressignificações” e “Exorcização das inquietudes”.

A capa do livro *O mito e o rito: uma leitura de autores catarinenses* foi produzida por Aurélio Celeste. Apresenta um fundo preto, o título em laranja, os nomes do autor e da editora em letras brancas. Um desenho na diagonal da capa, formado por triângulos nas cores cinza, branca, laranja e laranja amarelada, complementa a capa. A orelha do livro vem assinada pelo biógrafo e contista Enéas Athanázio. No interior da obra de Lauro Junkes não há ilustrações, salvo as páginas 185 a 187, nas quais comenta o trabalho do autor Hugo Mund Júnior, adepto da poesia visual. O livro é dividido em cinco capítulos: 1) A poesia que sobrevive aos poetas; 2) A ficção que se enraizou na terra/mar e no homem; 3) O poema que se faz de palavras: poetas em processo; 4) A excelência do conto contemporâneo; e 5) O romance testa suas possibilidades. Na contracapa, há uma explicação sobre o surgimento do livro. Descreve a obra como uma “leitura crítica de 25 escritores de Santa Catarina” e fala no autor, professor de Literatura e Teoria da Literatura na UFSC. O formato brochura facilita o manuseio e populariza o material, uma vez que o torna mais barato e, conseqüentemente, mais acessível.

Os dois livros têm como público-alvo estudantes e pesquisadores das letras. Além disso, por serem autores destacados no cenário estadual, suas obras são facilmente encontradas em sebos e bibliotecas.

3.1.2 As “janelas virtuais”

Para explorar os suportes virtuais, recorreremos a outras áreas de estudo, principalmente o *marketing*, o *design* e a computação. No *site* Retina Web Design (2019) encontramos

indicações sobre como avaliar uma página da internet. Nele aprendemos que nenhum *site* está definitivamente pronto, precisa ser alimentado, sofrer ajustes para poder proporcionar uma boa experiência de navegação; além disso, precisa estar no radar dos motores de busca como o Google. Aí entra o *layout*, a primeira impressão, que nos convida a permanecer ou seguir adiante com a nossa busca. Essa estrutura precisa ser clara, intuitiva, ter fontes e cores que favoreçam a leitura. Outro fator a ser avaliado é a configuração para diferentes dispositivos. Além disso, a velocidade do *site*, a interatividade e a possibilidade de contato para sanar dúvidas são outros itens que garantem sucesso.

Esses pontos a considerar, identificados pela maioria dos construtores de *sites* consultados, foram elencados por Camila Renaux, que nomeou alguns atributos técnicos importantes para essa avaliação, conforme podemos observar no Quadro 4 a seguir.

Quadro 4 – Como explorar um portador de texto tipo *site*

ELEMENTOS	O QUE OBSERVAR
Tela inicial	Logotipo, menu de navegação.
Propagandas	Se existem, qual a finalidade delas no portador e a quem se destinam.
Conteúdos	Atualização da página. Distribuição do conteúdo e acessibilidade através da ferramenta de busca.
Contato	Se há uma forma de contatar o responsável pela página para sanar dúvida, fazer questionamentos, tecer comentários.
Acessibilidade	Sistemas que permitem que todos usufruam dos recursos fornecidos.
Interface responsiva	O site precisa se adaptar de acordo com o dispositivo com o qual está sendo acessado (computador, tablet, celular).
Interatividade	Troca de informações e diálogo entre usuário e empresa. São exemplos: Seção contato, chat online, comentários de notícias, blog, funcionalidades para compartilhar em mídias sociais (como o botão “curtir”), central de atendimento.

Fonte: Camila Renaux – Como avaliar um site (2013?).

As informações dessa tabela serão complementadas por uma lista de indicadores para avaliação de *websites* que julgamos ter aspectos importantes a considerar, por isso incluímos no Anexo A o instrumento de verificação proposto por Pereira Jr. e Capeto (2000).

Figura 8 – Site do Nupill



Fonte: Site do Nupill, da UFSC.

Em estudos realizados utilizando a Biblioteca Digital do Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística – Nupill, pudemos verificar uma tela inicial com o nome do Núcleo, tendo ao fundo uma imagem do laboratório de pesquisas e uma barra horizontal; na parte superior da tela aparecem o logo do Núcleo e as palavras “início”, “sobre”, “equipe”, “produção”, “projeto”, “parceiros”, “prestação de contas”, “contato”, mais um *link* para o Facebook e outro para o Twitter. Cada uma das palavras remete a outras páginas da web. Assim sendo, “sobre” explica a vinculação do Núcleo, sua proposta central, vocação e atividades desenvolvidas. Na página seguinte fotos identificam os integrantes da equipe de pesquisa. A página denominada “produção” elenca livros, teses e dissertações e criações digitais. A página inicial ainda traz o *link* para “projetos”. Nesse endereço são encontrados a “Biblioteca Digital de Literatura”, o “Portal Catarina”, a “Revista Eletrônica Mafuá”, a “Revista Texto Digital”, o “Palavrador”, o “PRONEX”, o “Machado de Assis – Obras Completas”, a página do II Simpósio Internacional e do VI Simpósio Nacional de Literatura e Informática e o “DLNotes”, este último é a ferramenta de leitura em meio digital que permite criar anotações livres e semânticas. O nosso objeto de estudo foi o Portal Catarina, focado em textos e informações sobre escritores catarinenses.

Considerando os elementos destacados por Camila Renaux (2013?), verificamos a existência de uma tela inicial, com logotipo do Núcleo. O *site* não contempla propagandas porque não é um *site* comercial, a página está vinculada à Universidade Federal de Santa Catarina. Os conteúdos estão todos voltados para o tema literatura. Há páginas sobre literatura brasileira, literatura portuguesa, literatura de Santa Catarina; *links* de revistas; e um projeto específico referente à obra de Machado de Assis.

Figura 9 – Portal Catarina



Fonte: Site do Nupill, da UFSC.

Uma vez que estamos tratando da literatura de Santa Catarina, nos deteremos no projeto “Autores, obras e acervos literários catarinenses em meio digital”, executado pelo Nupill e cuja proposta originou o Portal Catarina. Nele há 334 autores cadastrados, 4.526 documentos cadastrados e 2.665 arquivos digitalizados. A página também nomeia os últimos documentos cadastrados e as obras mais acessadas. Permite uma busca avançada na qual o usuário pode procurar por documentos, autores, conteúdo, mapa com o local de nascimento e/ou falecimento do autor pesquisado. No item “Navegação”, autores, documentos, editoras, periódicos, acervo e fatos históricos estão disponíveis. Os autores podem ser acessados a partir das letras do alfabeto. A página permite acesso ao conteúdo nos idiomas português, inglês, francês e espanhol. Tanto a Biblioteca Digital de Literaturas de Língua Portuguesa quanto o Portal Catarina: Biblioteca Digital da Literatura Catarinense têm *layouts* semelhantes. O contato aparece com destaque no final da página, permitindo que o usuário se comunique através de *e-mail*, telefone ou Facebook.

Acessando uma obra ao acaso, temos uma ficha com o título e o autor, permitindo que o usuário curta ou compartilhe o material pesquisado. Também há outras informações sobre o documento, como tipo, gênero, editora, ano, idioma, fonte (biblioteca em que a obra está disponível). O Portal apresenta a obra referenciada de acordo com as normas da ABNT. Informa se a obra está disponível para *download*, neste caso em formato pdf. No caso de narrativas com personagens, há destaque na ficha, além de arrolar os fatos históricos associados à obra. E, no quesito interatividade, há a possibilidade de ler comentários de outros

leitores e adicionar novos comentários.

Figura 10 – Sarau Eletrônico



Fonte: Site Sarau Eletrônico, da FURB.

Diferentemente do Portal Catarina, que está atrelado ao *site* www.nupill.org, a página do Sarau Eletrônico está ligada ao Sistema Integrado de Bibliotecas da FURB.

Com uma configuração singular, o *site* apresenta no alto da página um logo dos 40 anos da biblioteca, no centro, na parte superior, o nome do *site* Sarau Eletrônico, encimado pelo nome do Sistema Integrado de Bibliotecas, e ainda o logo da FURB, instituição responsável pelo *site*. Uma coluna lateral, à esquerda de quem olha para a tela, apresenta o menu principal, com uma lista composta dos seguintes itens: “home”, “entrevistas”, “livros”, “notas e autores catarinenses”, “artigos e ensaios”, “especiais”, “dicas de leitura”, “autores”, “notícias”, “o que estou lendo”, “fala leitor”, “novas aquisições”, “biblioteca universitária”, “links”, “quem somos” e “fale conosco”. No centro da página aparecem textos de entrevistas, comentários sobre livros e notas referentes à literatura catarinense. À direita da página constam artigos já publicados e no final, também à direita, uma caixa para incluir dados de pesquisa.

No item “Quem somos” há o expediente, citando os responsáveis pela biblioteca e pelo Sarau, o endereço, o telefone e o *e-mail* para contato com o *site*. O Sarau Eletrônico se coloca aberto à participação de todos, aceitando artigos, resenhas, comentários e sugestões, que devem ser enviados através do correio eletrônico.

Na tela inicial há inúmeras informações. Além da estrutura do *site*, composta do menu, há fragmentos de textos de entrevistas e de resumos em destaque. Menu e cabeçalho se repetem nas diferentes seções do *site*, o que, segundo Pereira Jr. e Capeto (2000), é um item positivo, pois atende à categoria que avalia reconhecimento e orientação no sistema. Não há propagandas expressas no *site*, porém é possível identificar livros recém-lançados e até obter uma síntese ou discussão do texto. O contato está bem visível no menu. O Sarau Eletrônico remete à Biblioteca Central da Instituição, em que é possível acessar o acervo digital.

3.1.3 A transição

Depois de conhecer dois livros e dois *sites* voltados para a literatura catarinense, encontramos uma revista dedicada ao assunto, *Suplemento Literário A Ilha*, a qual chamaremos de suporte híbrido, pois, por muitos anos, foi produzida em papel e a partir de 2017 começou a ser apresentada em meio eletrônico. *A Ilha* tem como editor e revisor o escritor Luiz Carlos Amorim, fundador e presidente do grupo literário A Ilha e Cadeira 19 da Academia Sul-Brasileira de Letras.

Considerada uma revista de literatura, não chega a ser um periódico acadêmico. No seu interior, por exemplo, não encontramos o International Standard Serial Number (ISSN), sigla em inglês para Número Internacional Normalizado para Publicações Seriadas, que

Figura 11 – Revista *Suplemento Literário A Ilha*



Fonte: Site da revista *Suplemento Literário A Ilha*, do *Jornal Sudoeste* e a imagem dos primeiros exemplares da revista, contribuição da Profª. Isabela Melim Borges

caracteriza e codifica a publicação do lançamento ao encerramento. Também não localizamos o registro d'A *Ilha* na plataforma Sucupira, que classifica o *qualis* (sistema brasileiro de avaliação de periódicos, mantido pela Capes) dos periódicos no Brasil, talvez porque não haja vínculo d'A *Ilha* com uma instituição universitária, muito menos com um programa de pós-graduação *stricto sensu*. Entretanto, sua intencionalidade em dar destaque aos autores nacionais e, principalmente, aos escritores relacionados com o estado catarinense coloca o periódico no rol de textos de divulgação científica voltado para as letras, sobretudo a literatura.

A seguir, no Quadro 5 esboçamos um painel referente ao texto de divulgação científica, elaborado a partir do artigo de Maria Lucia Lopes e Marcos Antonio Florczak (2008?) sobre o uso de revistas de divulgação científica nos trabalhos escolares.

Quadro 5 – A exploração de um texto de divulgação científica

ELEMENTOS	O QUE OBSERVAR
Público	A quem se destina?
Qualidade	Qualidade gráfica do material.
Ilustrações	Tem fotos/infográficos?
Propaganda	Possui anúncios?
Linguagem	Tipo de linguagem utilizada: coloquial, amena, atraente, objetiva e simples.
Atualização	Informações atualizadas e interessantes.
Propósito	Finalidade das produções de divulgação científica.
Versão	Produções impressas e versão on-line das revistas.
Interatividade	A revista promove grande interatividade com outras mídias.
Periodicidade	Revista mensal, semanal, que traz artigos de conhecimentos gerais ou que são especificamente de divulgação científica.

Fonte: Lopes e Florczak (2008?).

Figura 12 – Exemplar de março/2019 da Revista *Suplemento Literário A Ilha*



Fonte: Site issuu.com.

O *Suplemento Literário A Ilha* é um portador de texto que possui uma versão impressa e outra digital, ambas com *layout* semelhante. Podemos dizer que é um exemplo de trânsito entre a “narrativa de papel” e a “janela virtual”. No portal A Ilha: <www.prosapoesiaecia.xpg.uol.com.br> observa-se uma revista feita, na sua maioria, em preto e branco, salvo algumas fotografias coloridas, que fazem o contraponto.

A Revista assinala 38 anos de circulação, com uma periodicidade trimestral. Surgiu em São Francisco do Sul como suplemento de um jornal semanal. O espaço tornou-se insuficiente para divulgação dos originais de contos, poemas e crônicas que recebia. Alguns escritores reuniram-se no grupo literário denominado A Ilha e criaram a revista *Suplemento Literário A Ilha*. Posteriormente, o grupo migrou para Joinville e atualmente está sediado em Florianópolis.

Na revista *Suplemento Literário A Ilha* aparece um endereço para acesso ao material digitalizado: <<http://www.prosapoesiaecia.xpg.uol.com.br/>>; no entanto, esse portal denominado Prosa, Poesia & Cia, de responsabilidade do Grupo Literário A Ilha, apresenta erro no acesso. Utilizando a ferramenta de busca Google, encontramos o endereço <<http://portalliterario.com>>, com o material desatualizado, permitindo folhear somente até a

versão digital da edição 142, de setembro de 2017. Há também uma possibilidade de clicar na capa e ver a versão impressa em pdf. A página também dá acesso a edições anteriores da Revista, do número 75, de dezembro de 2000, até o número 141, de junho de 2017. No endereço https://issuu.com/grupoliterarioailha/docs/revistaliteraria_148_104_alta encontramos o último número, ou seja, o número 148, de março de 2019.

A capa, além do título, permite que o leitor se localize, trazendo a cidade onde é produzida, o mês/ano da publicação, o número e o ano. No final da página há o nome do *site* e o endereço eletrônico. O título da Revista aparece em destaque no alto da página. O exemplar que analisamos é o de número 148, de março de 2019.

Explorando o texto enquanto divulgação científica, podemos responder à questão “A quem se destina?” como sendo tanto o público em geral quanto escritores e pesquisadores de literatura. Quanto à qualidade gráfica do material, pode-se dizer que o material impresso e o digital se assemelham. Os exemplares que folheamos têm letras pretas, fundo branco e pouco colorido, cores restritas à capa e a algumas fotos. A Revista tem pequenas fotos dos autores, numa tentativa de ilustrar os trabalhos apresentados, contos, poemas, entrevistas. Poucos anúncios foram observados, incluindo convites para visitar outras páginas de literatura, *sites* para aquisição de livros e anúncios de serviços de revisão. O tipo de linguagem utilizada é coloquial, amena, atraente, objetiva e simples. Autores conhecidos no cenário local e nacional tiveram suas contribuições imortalizadas no periódico. Um exemplo é o último exemplar publicado em 2019, com uma entrevista de Celestino Sachet, um conto inédito de Júlio de Queiroz e uma crônica de Urda Alice Klueger. A finalidade da Revista, segundo seu editor, é a projeção da literatura de Santa Catarina pelo Brasil e pelo mundo. Na edição 145, a Revista passou a ser digital; além disso, o grupo literário A Ilha lançou, no segundo semestre de 2018, uma nova revista denominada *Escritores do Brasil* com o propósito de divulgar contos, poemas, crônicas, entrevistas, resenhas e notícias do meio literário e cultural.

A revista *Suplemento Literário A Ilha* ainda não promove grande interatividade com outras mídias, mas já está disponível na internet, o que possibilita uma abertura de horizontes, e está iniciando uma seção de cartas com a finalidade de publicar o que os leitores estão dizendo sobre o seu trabalho, com comentários, críticas e sugestões.

4 A AVALIAÇÃO CRÍTICA DOS SUPORTES NARRATIVOS

A leitura literária é um direito de todos e que ainda não está escrito. O sujeito anseia por conhecimentos e possui a necessidade de estender suas intuições criadoras aos espaços em que convive. Compreendendo a literatura como capaz de abrir um diálogo subjetivo entre o leitor e a obra, entre o vivido e o sonhado, entre o conhecido e o ainda por conhecer; considerando que este diálogo das diferenças, inerente à literatura, nos confirma como redes de relações; reconhecendo que a maleabilidade do pensamento concorre para a construção de novos desafios para a sociedade; afirmando que a literatura, pela sua configuração, acolhe a todos e concorre para o exercício de um pensamento crítico, ágil e inventivo; compreendendo que a metáfora literária abriga as experiências do leitor e não ignora suas singularidades, que as instituições em pauta confirmam como essencial para o País a concretização de tal projeto. (MOVIMENTO POR UM BRASIL LITERÁRIO, 2009).

A proposta de uma avaliação crítica do que foi trabalhado até aqui nos levou a uma reflexão sobre o ensino de literatura no Brasil. E talvez o Movimento por um Brasil Literário, desencadeado em 2009, possa resgatar essa visão abrangente da literatura como articuladora do diálogo leitor/obra, permitindo o exercício da crítica e do relacionamento entre os diferentes, na construção de uma nova sociedade cujo acesso deveria ser um direito de todos. Esse ideal de ensino da literatura é uma visão muito recente. Quando avaliamos a história do ensino de literatura no Brasil, vimos que as transformações foram lentas. Tivemos três séculos de influências jesuíticas e pombalinas, e até o fim do império da Retórica e da Poética eram as disciplinas que mais se aproximavam da ideia de literatura:

[...] a leitura dos clássicos servia tanto para conhecer as regras da boa conduta, adquirir erudição, como para aprender regras do bem escrever. Este modelo de ensinar “literatura” prevaleceu até meados do século XIX, quando o ensino da Retórica e da Poética foi substituído pelo de História da Literatura. (FORMIGA; INÁCIO, 2013, p. 181).

De lá para cá, há no meio do caminho o surgimento da História da Literatura, na tentativa de esboçar uma identidade nacional, enraizada no espírito nacionalista da época. Mas a obra que deveria falar ao leitor e por ele ser reinventada se esvanece com a fragmentação. “Como é possível perceber, a perspectiva historiográfica como abordagem

exclusiva do texto literário na escola, reduzindo o acesso à literatura por meio de trechos, descontextualizados de suas condições de produção, parece ser o nosso ‘calcanhar de Aquiles’” (FORMIGA; INÁCIO, 2013, p. 182).

A autora aponta para um desinteresse, principalmente dos jovens, pelo estudo da literatura, em decorrência da desvinculação com o todo, demonstrando que os professores focam em textos esparsos e que a literatura tem frequentado muito pouco o ambiente escolar:

[...] é possível compreender que o modelo de ensino de literatura vigente até então nas instituições de ensino superior em Letras – consequentemente reproduzido nas escolas de Ensino Médio – pode ser um dos impasses para a falta de motivação de leitura de textos literários por parte dos alunos nessa idade escolar. Somado a este, acrescente o fato de – conforme assinala a própria Zilberman – as sucessivas reformas no ensino foram “encolhendo o espaço de circulação da literatura em sala de aula, a ponto de o ensino médio, hoje, poder, se assim o desejar, suprimi-la”. (FORMIGA; INÁCIO, 2013, p. 185).

Muitos motivos têm ajudado a montar esse cenário, com destaque para o estudo de períodos literários estanques, com a intenção de apontar características e delimitar estilos, esquecendo a leitura por prazer. A preocupação com o vestibular, o cumprimento do currículo obrigatório, a análise literária e os saberes do professor ou do livro didático vêm vitimando a literatura. Segundo Martins (2009, p. 101),

No ensino médio, a literatura continua sendo vítima de abordagens que privilegiam a história da literatura, na medida em que parece haver uma supervalorização das características estéticas e estilísticas presentes nos textos produzidos nos mais diversos períodos literários. O aluno não consegue perceber a plurissignificação do texto literário, pois a preocupação com a identificação de características estéticas dos períodos literários, bem como a necessidade de classificar rigidamente os textos literários nos limites cronológicos dos rótulos barroco, arcado, romântico etc. sufoca a leitura por prazer.

Algumas iniciativas isoladas de professores que buscam defender o prazer estético, valorizando a criatividade do autor e a sensibilidade do leitor, também precisam ser registradas. Sachet revela a experiência do escritor Jorge Luiz Borges:

As escolas literárias são feitas para os historiadores de literatura, isto é, para o contrário dos homens de letras. Eu fui professor de literatura inglesa durante 20 anos e no final preferi renunciar à história. Tratei que meus estudantes gostassem da literatura inglesa por ela mesma, além das datas e das escolas. Talvez seja mais fácil para literatura inglesa, que não é uma literatura de escolas, mas uma literatura de

indivíduos. (Correio do Povo, Porto Alegre, 24, dezembro, 1977).

Os depoimentos apontaram para um perceptível quadro de desinteresse pela literatura, marcado pela ineficácia dos métodos adotados para propagação das obras, necessitando de resgate e instrumentação do leitor, tal cenário foi capturado pelas editoras, que passaram a buscar novas alternativas para resolver o problema da rejeição dos livros e de autores tradicionais, com isso temos o surgimento da “literatura comercial”.

A ficção brasileira do século 21 se caracteriza por uma nova tendência, a que podemos chamar de “literatura comercial”. O comércio – com suas vendas, seus best-sellers, seus negócios, suas cifras – interessa a ela muito mais que a própria literatura e seu leitor. Literatura produzida “para vender”, essa literatura se dissemina com o avançar do novo século. O que é mais preocupante: ela se multiplica, sobretudo, entre os jovens autores, cada vez mais fascinados pelas benesses do deus Mercado, e menos interessados na qualidade e densidade de suas narrativas. Uma primeira característica se destaca: a padronização. O eu significa que, no lugar da invenção, os escritores têm em vista agora, com ânsia redobrada, as vantagens da repetição. (CASTELLO, 2015).

José Castello conclui que a literatura brasileira produzida na atualidade se rendeu ao mercado, deixando de representar a “brasilidade”:

[...] abandonou de vez a possibilidade de representar a nação brasileira, de forma histórica e global, pois sabe que a atualidade do país é a sua fragmentação em multifacetados grupos sociais, agressivamente subjetivos, que não conseguem se articular coletiva e ideologicamente de modo a constituir isso a que chamamos de “brasilidade”, ou essa outra coisa ainda mais complexa a que chamamos “globalização brasileira” (...) É inevitável que surjam outras e mais caras alegóricas do Brasil neste tempo de incertezas e precariedades. (RAMOS, 2009)

Elas rapidamente disponibilizaram produtos alternativos, encontramos áudio, videoclipe, livro digital, somado ao contato direto com o autor preferido, proporcionando tardes de autógrafo, palestras, saraus, encontros de fãs, debates, oficinas literárias, webnários (seminários *on-line*); o escritor antenado também escreve *blog*, tem *site*, página no Facebook e/ou um perfil comercial no Instagram. E o suporte narrativo tem sido peça importante, permitindo ler num *e-reader*, celular ou *tablet*, via aplicativo, sem falar na plataforma de compra e venda de livros. Nesse sentido, Zilberman (2010, p. 206) entende que,

Atendendo a novos segmentos sociais, o ensino de literatura vê se romperem os canais de comunicação entre o patrimônio literário e o público estudantil, cuja rejeição traduz-se na não leitura e na preferência por outros meios de

expressão. O mercado editorial percebeu a mudança muito mais rapidamente que a escola, providenciando o lançamento de produtos alternativos que têm agradado a juventude e, por tabela, chegado aos professores.

Para retomar esse gosto pela leitura, muitas das atuais preocupações do professor de literatura centradas no livro, na análise formal e na apresentação dos cânones precisam ser colocadas em segundo plano, focando na interação professor/aluno. Neste caso, com total destaque para o aluno, ouvindo o que ele pensa, dialogando. De acordo com Rocco (1992), “o ensino da literatura deve ser conduzido de tal forma que se perceba do que nossos alunos são capazes em termos sociais, afetivos e mentais e a partir disso possamos definir as escolhas e o nível de aprendizagem que queremos”. A proposta do aprendizado de literatura centrada no aluno deve promover habilidades sociais e emocionais, ser inclusiva e sempre acompanhada da observação do crescimento do aluno. Para chegar ao leitor crítico, há necessidade reunir o questionamento das convenções, a cultura presente no texto, as dimensões humanas, os encadeamentos sociais e psicológicos intrínsecos, enfim, a literatura só receberá o devido valor se, como disse Larrosa (2000), lermos para descobrir o que o texto “pensa” e então, quando lemos e quanto mais lemos, estamos sendo habilitados a “pensar”. É uma formação gradativa, cujos níveis serão galgados, conforme o leitor amadurece e aprende a apreciar o texto literário, como um objetivo em si.

A liberdade de expressão permitirá uma orientação para o aprimoramento da capacidade de análise. Revisitando o texto de Girlene Marques Formiga e Francilda Araújo Inácio, encontramos sugestões de como retomar essa convivência leitor/autor entre os alunos de literatura: “Como forma de desenvolver essa prática que possibilita a aproximação entre o adolescente e o texto literário, provocando a significação dos textos e a instrumentalização dos alunos para a leitura” (FORMIGA; INÁCIO, 2013, p. 187). Formiga e Inácio defendem que a leitura de obras literárias mediada por esse mecanismo constitui uma forma de acesso à literatura, destinada aos jovens leitores.

Outra forma de travar diálogo com o público jovem, vem das redes sociais, mais especificamente da aposta na figura do influenciador digital, o *booktuber*:

(...) em relação aos youtubers e o investimento em edições impressas evidenciam a força do livro em papel, que pode ser manuseado, colocado em uma estante, receber anotações e também autógrafos do seu autor como um fetiche que perdura e tem a sua visibilidade e seu glamour até entre os internautas mais ‘descolados’. ” (ROLLA, 2018 - grifo da autora).

Pessoas jovens falando de suas leituras, algumas com objetivos bem específicos de

desmistificar a literatura, tornar a leitura mais agradável, estimular o hábito de ler ou simplesmente conversar sobre livros. Mas, obviamente, não são apenas trocas desinteressadas, os *booktubers* encaram essa atividade como trabalho e, os mais famosos faturam com visualizações, citações de determinada marca, patrocínios e até comerciais.

Formiga e Inácio também abrem espaço para comentar sobre as obras clássicas e as adaptações feitas principalmente para apoiar os primeiros passos da formação do leitor. Neste ponto entendemos que há uma enorme contribuição a ser dada pelos recursos tecnológicos de que hoje dispomos. Há muitos suportes narrativos diferentes capazes não só de fixar, portar, levar o texto/discurso do seu locutor para os seus interlocutores, mas embeber o “aprendiz de leitor” com as mil faces do texto, trazendo-lhe novidades, mudanças, notícias, entretenimento e conhecimento. E, com isso, contribuindo para o ensino, para a busca da identidade, para a vida do sujeito. Além disso,

[...] **os suportes determinam e mudam as leituras**, mas, ainda que permaneçam os mesmos, as leituras são diversas, conforme seus leitores e o sentido que se revela para cada um deles. Para uns, ela pode ser objeto de saber e conhecimento; para outros, objeto de divertimento e fruição; e, ainda para outros, apenas realização de seus desejos. Nesse aspecto, poderíamos indagar até que ponto a leitura sempre marcada pela sua utilidade não se constituiria um exercício de poder. (FORMIGA; INÁCIO, 2013, p. 190-191, grifo nosso).

Ponderando sobre a intenção de fomentar hábitos de leitura, chegamos ao empoderamento do sujeito, que se apropria do saber, compreende e abstrai o que foi lido e dito e amplia sua visão de mundo, passando a se ver com uma identidade própria, um pensamento crítico, habilidades de comunicação oral e escrita. Essa emancipação individual conquistada através de fatores político-sociais, econômicos, tecnológicos ou pedagógicos traz em paralelo o crescimento da modalidade EaD. Segundo Oreste Preti (2000),

A EAD, então, coloca-se hoje como uma possibilidade, como uma alternativa. Um dos traços fortes, distintivos e centrais dessa modalidade é a capacidade de se organizar para melhor viabilizar ao aprendiz a construção de sua autoformação, de sua autonomia no processo de aprendizagem.

Sabemos que o dia a dia é cada vez mais agitado, as atividades se multiplicam e sobra pouco tempo para educação e atualização. A EaD é uma alternativa, uma modalidade que permite estudar a partir de qualquer lugar, permitindo economia de tempo e dinheiro. Atinge públicos variados, possibilitando a inclusão social de camadas que os processos formais não alcançam. É flexível e seu conteúdo atualizado constantemente. E o uso de recursos

multimídia e de uma comunicação mais ativa sugere eficácia e bom desempenho.

A EaD oportuniza, por um lado, que os aprendizes imprimam um ritmo de estudo de acordo com o que lhes for mais conveniente; por outro, que eles avancem no seu aprendizado de acordo com o grau de maturidade, interesse e conhecimento prévio que detêm sobre determinado objeto de estudo, garantindo a autogestão do conhecimento. (ROESLER, 2011).

O foco na EaD acena para a possibilidade de alcançar sonhos, mediante um gerenciamento do tempo de estudo, o foco na área de interesse e a grande persistência para realizar seus objetivos.

Segundo Rumble (2000), conforme citado por Tafner (2010, p. 62), já experimentamos quatro gerações de EaD. A primeira foi representada pela educação por correspondência. A segunda utilizou rádio e TV para promover o ensino. A terceira, denominada abordagem multimídia, integrou texto, áudio e vídeo. A quarta geração centraliza-se no uso do computador. Salienta-se que nenhuma delas está defasada e que podem ser utilizadas em conjunto. No entanto, segundo Taylor (2001), conforme citado por Tafner (2010, p. 64), há ainda uma quinta geração de EaD, “caracterizada pelo uso de agentes e sistemas de respostas inteligentes”, com o uso de mascotes para sanar dúvidas. Mas o mais importante é que o texto continua a embasar todo o processo de ensino–aprendizagem, como afirma Tafner (2010): O texto é a base para qualquer material didático, seja ele impresso ou não. Está presente nos meios audiovisuais, na internet ou nos ambientes virtuais. Claro que, dependendo do meio utilizado na educação, há a necessidade de se fazerem ajustes para uma linguagem comum ao grupo. Para cada meio, há um tipo de linguagem apropriada, o que nos leva a pensar que o suporte do texto, tanto quanto a mídia, tem grande valor para levar, fixar e tornar o conteúdo mais atrativo ao leitor/aluno.

Neste trabalho foram analisados suportes convencionais: dois livros, dois *sites* e uma revista. Todos eles propiciam o “registro, [o] armazenamento e [a] transmissão da informação”, conforme BONINI (2011, p. 688). E cada um, a seu modo, contribui para a divulgação da literatura catarinense. Os livros podem ser acessados de qualquer lugar, não precisam de rede ou sistema para funcionar. É possível ir e vir na história apenas folheando algumas páginas. O tempo é um grande aliado na compreensão da história, pois, dependendo da narrativa, podemos acompanhar um personagem, saber em que circunstâncias nasceu, como foi sua infância, adolescência, passagem para a fase adulta e velhice, ou simplesmente ter *insights* a partir do vocabulário usado ou de elementos acessórios incluídos nas cenas. É o suporte que melhor administra a linha do tempo e nos permite interiorizar esse sentimento,

preservando a memória histórica e dos personagens ficcionais ou não. Talvez pelo longo período de convivência (a invenção da imprensa por Gutenberg ocorreu no século XV), o livro mantém uma relação de maior proximidade com o leitor, mesmo sem a interatividade com o autor, como é o caso do *site*, há um confronto de ideias muito salutar e não há quem resista ao cheiro de um livro novo. No caso dos autores catarinenses pesquisados, infelizmente, ainda não é possível acessar o formato eletrônico dos livros *O mito e o rito: uma leitura de autores catarinenses*, de Lauro Junkes, e *A literatura dos catarinenses: espaços e caminhos de uma identidade*, de Celestino Sachet.

Já a outra representação da “narrativa de papel” avaliada neste trabalho, a revista, apresenta uma série de características que se assemelham ao *site*:

A primeira é a facilidade de aquisição, pois a grande maioria das revistas é comercializada em bancas de jornais, nas ruas das cidades [...]. A segunda característica é a facilidade de transporte e manuseio, permitindo a leitura sob as mais variadas – e até adversas – condições a exemplo do transporte coletivo. Nesta facilidade reside a consideração dessa mídia como fortemente companheira. Por fim, outra característica é a interatividade que faculta aos leitores, desde seções de cartas a colunas direcionadas para responder as questões dos leitores, a partir das quais estruturam sua temática e seu texto. (LORDELLO, 2014, p. 123).

Analisamos a revista *Suplemento Literário A Ilha*, que transita entre o suporte livro impresso e o *site*. No caso específico, a revista escolhida tem uma versão impressa e outra digital. Então, permite o manuseio e a leitura nos mais diversos locais, mesmo quando não é possível acessar a internet. É o que Lordello chama de “companheira”, uma vantagem associada à acessibilidade. A Revista tornou-se a voz de muitos escritores iniciantes, na maioria catarinenses; essa afetividade e a tradição de quase 40 anos de existência reafirmam que o suporte contribui, fortemente, para a divulgação da literatura, principalmente do universo da ficção produzida por catarinenses. Outra vantagem sobre os demais suportes é o preço favorável, que contribui para a leitura, mas a abrangência é limitada; se comparada ao *site*, a revista física, com certeza, está em desvantagem, pois atinge o leitor individualmente, mesmo quando repassada a outro, ainda é de âmbito restrito. A revista impressa enfrenta menos resistência por parte do leitor, diferentemente do *site*, que precisa de alguma prática para tirar proveito do que está oculto na página. Mas perde quando o quesito é agilidade, pelo fato de ser impressa; o conteúdo só será alterado quando uma nova edição for lançada. Já o *site* pode ser atualizado em tempo real, cobrindo fatos simultaneamente.

Alckmar dos Santos (2014) aposta na utilização das tecnologias digitais como forma

de “instrumentalizar a nossa reflexão”. O mundo digital é muito vasto e rico, permitindo obter dados, instruir-se, buscar subsídios para uma discussão ou para nortear a reflexão sobre determinado assunto. Descobrir novos autores, obras ou detalhes da história ou da literatura de certo período se tornou possível com mecanismos de buscas mais aprimorados. Confrontados com tão abundante conhecimento, temos a difícil tarefa de abstrair o que é realmente importante. *Sites* como o www.literaturabrasileira.ufsc.br, com uma biblioteca digital e um banco de dados integrados, permitem, através de um mecanismo de adaptabilidade, que o leitor seja acionado e informado sobre conteúdos disponíveis na biblioteca digital de acordo com o seu perfil de utilização, uma forma de organizar o processo de leitura, acessando de acordo com o gosto, a ideologia, a proposta de trabalho ou qualquer que seja a motivação.

No caso do nosso objeto de estudo, a contribuição do ensino a distância para o estudo e a divulgação da literatura catarinense, percebemos que há muito a ser feito, principalmente para dar a conhecer, além das fronteiras, a produção literária dos catarinenses. Vemos o Portal Catarina, oriundo de uma *parceria entre UFSC, Univali, Univille e Academia Catarinense de Letras* com inúmeras possibilidades de proporcionar pesquisas sobre o que pensa e o que escreve a nossa gente. São autores desconhecidos do grande público sobre os quais se lança luz, são autores novos que despontam, renovando a arte de escrever, e outros tantos já reconhecidos, cuja obra merece registro na história. Aqueles que pesquisam também podem contribuir para o registro dos fatos, com os seus comentários, que anteriormente brindavam apenas aqueles que tinham a sorte de ter nas mãos um livro rabiscado, com anotações de uma mente mais acurada, que conseguia ver aqui e ali pistas para novas pesquisas, marcas de um movimento ou gérmenes de ideias revolucionárias.

Ao lermos sobre os suportes narrativos, verificamos que há muitos para os mais diferentes gostos, assim como gêneros textuais, com os quais andam extremamente interligados; que eles podem “determinar ou mudar as leituras”, segundo Formiga e Inácio (2013), é bem verdade, principalmente porque há sempre o admirador de um velho e bom livro, assim como aquele que prefere revistas pela beleza de suas ilustrações, há o outro que rechaça a tecnologia, sentindo-se estranho, quase bígamo ao relacionar-se com as suas leituras prediletas, tendo o computador como intermediário.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste estudo exploramos materiais em busca dos conceitos básicos de literatura, literatura catarinense e suporte narrativo, e a diferença entre suporte e gênero narrativo, suas vinculações e influências na formação dos gêneros textuais. Foram analisados alguns suportes, com destaque para o livro *O mito e o rito: uma leitura de autores catarinenses*, do escritor Lauro Junkes, e *A literatura dos catarinenses: espaços e caminhos de uma identidade*, obra de Celestino Sachet. Também avaliamos os sites do Nupill, especificamente o projeto Portal Catarina, o Sarau Eletrônico e a revista *Suplemento Literário A Ilha*, todos eles portadores de textos que registram a história e a ficção catarinense.

Para entendermos a contribuição da educação a distância para o estudo da literatura catarinense, recorreremos a outras áreas do conhecimento para efetuarmos uma análise dos diferentes suportes narrativos. Na computação obtivemos uma série de dados sobre como avaliar um suporte digital. Na educação, pesquisadores e docentes nos apresentaram suas estratégias para estimular o aluno a formar um olhar crítico diante do texto. Especificamente na literatura, descobrimos que tudo tem andado a passos muito lentos. Por um longo período acreditou-se que a Retórica e a Poética eram a literatura. Depois, o tema foi substituído pela História da Literatura e seus apelos nacionalistas. Os jovens, diante da fragmentação da leitura apresentada no ambiente escolar, foram tomados por profundo desinteresse. Um novo solavanco ocorreu, influenciado pelos pensadores das letras e pela onda tecnológica.

Após refletir sobre a literatura e sua capacidade de nos instigar, desafiar, estimulando nosso senso estético e nos fazendo ver o ponto de vista do outro, reunimos essa bagagem com os estudos dos principais conceitos de suportes narrativos, pois há uma infinidade de tipos de portadores de textos, cujos benefícios seriam impactantes para a prática pedagógica, permitindo a apresentação dos conteúdos aos alunos, com recursos mais próximos de seus hábitos, reproduzindo vídeos, ilustrações, músicas atualizadas e tornando as aulas mais atrativas. E aproximando, por exemplo, autores que são desconhecidos do seu próprio povo.

Vimos que os suportes físicos estão ganhando versões digitalizadas e que aqueles que já nasceram digitais têm se reinventado, utilizando plataformas atraentes que permitem interagir, acessar conteúdos tanto na escola quanto em casa, tirar dúvidas, acessar jogos educativos, ler livros digitais, fazer exercícios e simulados, combinar anotações e imagens; enfim, é a tecnologia utilizada de forma contextualizada, auxiliando o professor na sua prática de sala de aula. E consideramos que essa é a importância do portador de texto, dar suporte para o conteúdo, neste caso, a literatura dos catarinenses, torná-la mais conhecida e

fortalecida no meio acadêmico. Ademais, os diversos suportes poderão alcançar diferentes públicos, permitindo aos alunos do tipo visual, auditivo ou cinestésico que descubram a melhor forma de aprender. Além disso, quanto mais à mão o conteúdo estiver, mais facilmente alunos e professores terão argumentos para discussões e as aulas serão mais atrativas.

Concluindo, os suportes narrativos existem desde a Antiguidade e continuarão evoluindo, alguns durante certo período tornam-se mais utilizados, sendo mais apreciados pela facilidade de acesso, custos, modernidade, afetividade, atualização etc. Não há como dizer se um é melhor ou mais importante, as preferências pessoais é que vão determinar a escolha.

Nossa proposta era analisar algumas “narrativas de papel” e “janelas virtuais” que registram a história e a ficção catarinenses. Escolhemos dois livros de conceituados escritores de Teoria da Literatura: Lauro Junkes e Celestino Saquet; ambos com uma grande bagagem na área, professores universitários, envolvidos com grupos de escritores que enaltecem a arte das palavras no estado. Também escolhemos dois *websites* voltados à literatura catarinense, o Portal Catarina, do Nupill, da UFSC, e o Sarau Eletrônico, da FURB. Dois trabalhos diferentes, mas com objetivos semelhantes: dar a conhecer o que é feito no campo literário no estado. Oriundos de Florianópolis e Blumenau, dois polos de cultura, vertedouros de poetas, contistas, cronistas, exemplificados pelas contribuições de escritores como Urda Alice Klueger, Marcelo Labes, Luis Delfino, Cruz e Sousa, Edla van Steen e muitos outros. E, por último, selecionamos a revista *Suplemento Literário A Ilha*, um material que não foi produzido na academia, mas que atende a um público mais eclético e possibilita que escritores iniciantes mostrem seus trabalhos e que autores mais experientes deem sua contribuição, mostrando que a literatura dos catarinenses possui uma identidade e que há espaços para a diversidade e um longo caminho a ser percorrido para tornar mais conhecido o que é produzido aqui. E, neste caso, explorar as muitas possibilidades de contribuição do ensino a distância para o estudo e a divulgação da literatura catarinense, seja através das janelas virtuais ou das narrativas de papel exemplificadas por livros e revistas digitais, *tablets*, lousas digitais, celulares, aplicativos e acesso à internet.

O tema apresentado não é estanque, assim como a possibilidade de criação de novos suportes textuais. Nesse sentido, apresentamos algumas sugestões para uma futura evolução da pesquisa sobre o assunto, como a descrição de exemplos concretos de como utilizar *tablets*, lousas digitais e outros aplicativos específicos para a área de conhecimento da língua portuguesa. Pesquisas que mostrem o progresso dos alunos utilizando aplicativos interativos e

a análise dos docentes que utilizam recursos didáticos digitais em suas aulas também podem contribuir para o estudo e o ensino da língua e da literatura nacional.

REFERÊNCIAS

- A ILHA. Florianópolis, ano 38, n. 148, mar. 2019. Disponível em: https://issuu.com/grupoliterarioailha/docs/revistaliteraria_148_104_alta. Acesso em: 10 nov. 2018.
- ALVES, Maria Bernadete Martins; ARRUDA, Susana Margareth. **Como fazer referências:** bibliográficas, eletrônicas e demais formas de documento. Florianópolis: Ed. UFSC, 2001.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10520: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.
- _____. NBR 14724: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2011.
- _____. NBR 6024: informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento escrito: apresentação. Rio de Janeiro, 2012.
- ATHAYDE, Félix de. **Ideias Fixas de João Cabral de Melo Neto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira / Fundação Biblioteca Nacional / Universidade de Mogi das Cruzes, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail M. **A estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BONINI, Adair. Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil? **Linguagem em Discurso**, Tubarão, v. 4, n. 1, p. 205-231, jul./dez. 2003. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/marco2012/portugues_artigos/generojornal.pdf. Acesso em: 18 nov. 2018.
- _____. Mídia, suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte: Ed. UFMG, v. 11, n. 3, p. 679-704, jul./set. 2011.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 8ª. Ed. São Paulo: Publifolha, 2000.
- COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010. Disponível em: <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=cat07205a&AN=uls.285166&lang=pt-br&site=eds-live&scope=site>. Acesso em: 01 maio 2019.
- CASTELLO, José. Literatura digestiva. Estadão Aliás. 2015. Disponível em: <http://alias.estadao.com.br/noticias/geral,literatura-digestiva,10000005661>. Acesso em: 12/09/2019.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana S.A., 1955.
- DEBRAY, Régis. **Curso de midiologia geral**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Míni Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 896 p.

FORMIGA, Girlene. M; INÁCIO, Francilda. A literatura no Ensino Médio: reflexões e proposta metodológica. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, n. 22, p. 179-197, 2013. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/downloads/revistas/1415579690.pdf>. Acesso em: 25 maio 2019.

JUNKES, Lauro. **O mito e o rito: uma leitura de autores catarinenses**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1987.

_____. **A literatura de Santa Catarina: síntese informativa**. Florianópolis: Imprensa Universitária, 1992.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1981 (Col. Primeiros Passos).

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Tradução: Alfredo Veiga Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOPES, Maria Lucia; FLORCZAK, Marcos. Antonio. Divulgação científica no ensino de Ciências. [2008?]. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2492-6.pdf>. Acesso em: 24 maio 2019.

LORDELLO, Eliane. Narrativas de papel, janelas virtuais, Goiás: suportes narrativos na representação da cidade patrimônio mundial. **Revista CPC**, São Paulo: Universidade de São Paulo, n. 18, p. 117-140, 17 dez. 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/74956>. Acesso em: 30 nov. 2018.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A questão do suporte dos gêneros textuais. **Revista DLCV: Língua, Linguística & Literatura**, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 9-40, 2003. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/dclv/article/view/7434/4503>. Acesso em: 2 dez. 2018.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, Ivanda. A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor? *In*: BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Márcia. (Org.) **Português no ensino médio e formação do professor**. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 83-102.

MASSUCATO, Muriele; MAYRINK, Eduarda Diniz. Explorando portadores de textos com as crianças. **Gestão Escolar**, 2013. Disponível em: <https://gestaoescolar.org.br>. Acesso em: 15 maio 2019.

MENEZES, Salvato Telles de, **O que é a Literatura**. Lisboa, Difusão Cultural, 1993. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-lobes-literatura.pdf>. Acesso em: 12 set. 2019.

MOVIMENTO POR UM BRASIL LITERÁRIO. **Manifesto por um Brasil literário**. Paraty, RJ, 2009. Disponível em: <https://literaturapolitica.wordpress.com/2009/07/13/manifesto-por-um-brasil-literario/>. Acesso em: 26 maio 2019.

PEREIRA Jr., Clorisval; CAPETO, Rodolfo. **Indicadores para avaliação de websites**. In: III SIMPÓSIO BRASILEIRO SOBRE FATORES HUMANOS EM SISTEMAS COMPUTACIONAIS, 2000, Gramado, RS. **Anais** [...]. Gramado, RS, 2000. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/238138949/Indicadores-Avaliacao-Websites>. Acesso em: 19 maio 2019.

PORTAL LITERÁRIO. Disponível em: <<http://portalliterario.com>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

PRETI, Oreste. Autonomia do aprendiz na educação a distância; significados e dimensões. In: PRETI, Oreste (org.). **Educação a distância: construindo significados**. Cuiabá: NEAD/IE-UFMT; Brasília: Plano, 2000. p. 125-146.

RAMOS, T. R. O. ; CAIRO, L. R. V. **Encaixotados para (o) presente**. In: Luiz Roberto Cairo; Márcio Roberto Pereira; Sílvia Maria Azevedo. (Org.). *Arquivos Revisitados da América Lusa*. 1ª ed. Assis SP: Editora da UNESP, 2011, v. 1, p. 87-106.

RENAUX, Camila. Como avaliar um site. **Camila Renaux Consultoria em Marketing Digital**, Blumenau, SC, [2013?]. Disponível em: <https://camilarenaux.com.br/blog/>. Acesso em: 10 mar. 2019.

RETINA WEB DESIGN. **Como avaliar se o site da minha empresa está bom?** Americana, SP, 2019. Disponível em: <https://retinaweb.com.br/blog/como-avaliar-se-o-site-da-minha-empresa-esta-bom/>. Acesso em: 18 maio 2019.

ROCCO, Maria Tereza Fraga. **Literatura e ensino: uma problemática**. São Paulo: Ática, 1992.

ROESLER, Jucimara. **Os parâmetros legais para uma educação a distância de qualidade**. Anhanguera Educacional, 2011.

ROLLA, Angela da Rocha. **O Brasil que lê**. In: II Simpósio Internacional de Leitura. VII Encontro Nacional da Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio. Rio de Janeiro: Ed. Reflexão, 2018.

SACHET, Celestino. **A literatura dos catarinenses: espaços e caminhos de uma identidade**. Palhoça: Ed. Unisul, 2012.

SANTOS, Alckmar Luiz dos. **O meio digital e novas práticas intelectuais nas Letras**. 2014. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjuseD_uO_iAhWYD7kGHWpqDdwQFjAAegQIBBAB&url=https%3A%2F%2Fpt.scribd.com%2Fdocument%2F293444653%2FO-Meio-Digital-e-Novas-Praticas-Intelectuais-Nas-Letras-ABRALIC-Belem&usq=AOvVaw22KtRmpqez6WUfbQoiTumw. Acesso em: 1 jan. 2019.

SARAIVA. **A literatura dos catarinenses**: espaços e caminhos de uma identidade. Disponível em: <https://www.saraiva.com.br/a-literatura-dos-catarinenses-espacos-e-caminhos-de-uma-identidade-4381508.html>. Acesso em: 30 nov. 2018.

SIMÕES, Alex Caldas. **A configuração dos gêneros multimodais**: um estudo sobre a relação gênero-suporte nos gêneros discursivos tira cômica, cartum, charge e caricatura. Dissertação de Mestrado, DLA – UFV: 2010.

SIMÕES, Alex Caldas; GOMES, Maria Carmem Aires. Panorama de estudos linguísticos sobre o suporte: proposições e debates, Gláuks Revista Camoniana UFV. Viçosa. v. 11. n. 1 (2011), p. 15-34.

TAFNER, Elisabeth Penzlien. Et al. **Produção de materiais autoinstrutivos para a educação a distância**. Indaial: Grupo UNIASSELVI, 2010. Disponível em: https://www.academia.edu/36066882/Linguagem_virtual_e_audiovisual_na_EAD. Acesso em: 19 maio 2019.

TÁVORA, Antônio Duarte Fernandes. **Construção de um conceito de suporte**: a matéria, a forma e a função interativa na atualização de gêneros textuais. Tese de doutorado. Fortaleza: UFC, 2008.

_____. A subsunção da categoria suporte de gêneros pela noção de interação. **Linguagem em Discurso**, Tubarão, v. 12, n. 1, p. 299-324, out. 2012. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/issue/view/75. Acesso em: 30 nov. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Biblioteca Universitária. **Trabalho acadêmico**: guia fácil para diagramação: formato A5. Florianópolis, 2009. Disponível em: <http://www.bu.ufsc.br/design/GuiaRapido2012.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2018.

_____. Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística – Nupill. Literatura Brasileira. Florianópolis, 2018a. Disponível em: https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/?locale=pt_BR. Acesso em: 2 nov. 2018.

_____. Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística – Nupill. Portal Catarina. Florianópolis, 2018b. Disponível em: https://www.portalcatarina.ufsc.br/?locale=pt_BR. Acesso em: 2 nov. 2018.

UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU. Biblioteca Universitária. **Sarau Eletrônico**. Blumenau, 2018. Disponível em: http://bu.furb.br/sarauEletronico/index.php?option=com_frontpage&Itemid=1. Acesso em: 2 nov. 2018.

ZILBERMAN, Regina. Literatura e ensino de literatura. Curitiba-PR: Ibplex, 2010.

ANEXO A – CATEGORIAS DOS INDICADORES DE AVALIAÇÃO¹⁰

1. Tratamento da informação

Esta categoria avalia como a informação e o conteúdo do site são gerenciados, considerando aspectos como adequação ao perfil da instituição, clareza, relevância e organização.

Questões a serem verificadas:

- as informações disponíveis são adequadas às necessidades do perfil da instituição?
- é possível perceber de forma global a abrangência de conteúdo do site?
- a informação é fornecida em níveis progressivamente mais detalhados, de acordo com a necessidade?
- as informações disponíveis estão atualizadas?
- o site está bem indexado pelos principais engines de busca?

2. Compatibilidade do sistema com o contexto e linguagem do usuário

Esta categoria trata do uso de linguagem, sua adequação com o perfil do usuário do site, com o contexto de uso e considerando o bom uso das normas gramaticais da língua portuguesa.

Questões a serem verificadas:

- os termos usados no site para descrever funções, páginas, seções, vínculos, indicam de forma clara o que eles representam?
- a linguagem utilizada é adequada ao tipo de usuário do site?
- o uso de abreviações é evitado e siglas, símbolos técnicos, unidades de medida são usados de forma padronizada e correta?
- as informações seguem o correto uso de tempos verbais e da gramática da língua portuguesa?

3. Reconhecimento e orientação no sistema

Esta categoria avalia o potencial que tem o usuário de navegar no site de maneira eficiente, mantendo o reconhecimento de identificação e hierarquias da informação.

Questões a serem verificadas:

- as páginas possuem títulos de identificação tanto nas barras de janela como na área de conteúdo?
- a estrutura de organização hierárquica das informações do site é de fácil aprendizado e memorização?
- é fácil navegar entre as diferentes seções do site a partir de qualquer página?
- o site fornece identificação da instituição e referências para contato em todas as páginas?

4. Visibilidade do sistema

Esta categoria avalia se o sistema é transparente quanto ao uso de funcionalidades e quanto ao gerenciamento de documentos e arquivos.

Questões a serem verificadas:

- são apresentadas informações de versão e data de atualização tanto para as próprias páginas do site como para os documentos e arquivos disponíveis no site?

¹⁰ PEREIRA Jr., Clorisval; CAPETO, Rodolfo. Indicadores para avaliação de websites. *In*: III SIMPÓSIO BRASILEIRO SOBRE FATORES HUMANOS EM SISTEMAS COMPUTACIONAIS, 2000, Gramado, RS. *Anais* [...]. Gramado, RS, 2000.

- arquivos em formato não HTML e outros documentos disponíveis para download apresentam informação de tipo, formato e tamanho em bytes?
- vínculos para páginas ou aplicativos externos e para acionamento de plug-ins são identificados?
- vínculos e elementos de navegação mostram claramente seu estado (ativo, inativo, visitado)?

5. Consistência e padrões

Esta categoria avalia se o sistema mantém coerência entre as páginas e quanto à forma de apresentação das informações.

Questões a serem verificadas:

- a disposição e localização dos diferentes elementos de interface (cabeçalhos, rodapés, áreas de navegação) são mantidas de forma consistente em todas as páginas do site?
- os formatos de apresentação de informações, estilos de fontes, cores, etc. são usados de forma consistente e padronizada em todo o site?
- há consistência entre títulos dos vínculos, os títulos das páginas vinculadas e o conteúdo acessado?

6. Aspectos visuais, estética, legibilidade e design

Esta categoria avalia a qualidade formal do site e o planejamento visual do arranjo das informações.

Questões a serem verificadas:

- o aspecto visual do site é atraente e adequado ao perfil da instituição?
- os elementos de informação são dispostos nas páginas de forma organizada e racional?
- existe boa distinção visual entre os diferentes elementos de interface, elementos de navegação, elementos de conteúdo?
- são usadas variações de hierarquia tipográfica para distinguir diferentes partes do texto, de forma clara e organizada?

7. Flexibilidade e eficiência

Esta categoria avalia a flexibilidade do uso do site e a eficiência dos processos de interação.

Questões a serem verificadas:

- o site permite atingir conteúdo de interesse com um mínimo de clicks?
- o site é projetado de forma a permitir acesso rápido a informações mesmo em conexões lentas, minimizando o tempo de download das páginas?
- o site permite fazer o 'bookmark' das páginas de interesse para consulta futura, garantindo também a manutenção da referência ao longo do tempo?
- o site é projetado de forma a permanecer acessível independentemente de tipos e versões de hardware ou software?
- as páginas do site imprimem sem perder formatação?

8. Controle e liberdade do usuário

Esta categoria avalia se o usuário está sempre consciente de todos os processos envolvidos na interação com o site.

Questões a serem verificadas:

- o usuário pode controlar o processo de navegação de forma conveniente e de acordo com sua necessidade ou interesse?
- funcionalidades ou aplicações externas são executadas sempre a partir da iniciativa ou com o consentimento do usuário?

9. Prevenção de erros e recuperação

Esta categoria avalia se o site administra a ocorrência de erros com eficiência.

Questões a serem verificadas:

- o site é projetado de forma a minimizar a ocorrência de erros?
- na ocorrência de um erro é fornecida uma solução, uma opção de contato técnico ou uma forma de retomar a navegação?
- o texto das mensagens de erro é significativo e identifica o tipo de problema ocorrido?

10. Suporte ao usuário

Esta categoria avalia a qualidade do suporte ao usuário quanto à sua interação com o site.

Questões a serem verificadas:

- são fornecidas referências para contato com a instituição ou com a equipe de manutenção do site?
- as páginas do site apresentam suporte ao esclarecimento de dúvidas?
- o site oferece suporte à busca e recuperação de informações?

11. Conformidade técnica

Esta categoria indica a conformidade do site com padrões e diretrizes de acessibilidade, validação de código e métodos de manutenção.

Questões a serem verificadas:

- o código HTML do site é válido em conformidade com uma das especificações definidas pelo W3C?
- o site fornece aos engenhos de busca palavras-chave e descrição apropriadas aos objetivos e atividades da instituição?
- o site faz bom uso do HTML, dando preferência à marcação estrutural, independente da apresentação?
- o código HTML é adequadamente documentado para melhor manutenção?

Aplicação do método de avaliação

Esta lista de indicadores foi aplicada em uma avaliação do website da Rede Nacional de Pesquisa. Para proceder à avaliação, foram selecionados 5 avaliadores em diferentes setores da instituição: Operações, Informações, Administração, Capacitação, Design. Desta forma buscou-se diferentes perfis de avaliadores para garantir diferentes focos de observação sobre os problemas.

Cada questão a ser avaliada recebeu uma pontuação de 0 a 4. Para cada categoria, foram considerados o somatório total de pontos e o número de pontos para extrair o percentual de pontuação de cada categoria.

Exemplo de uma avaliação de categoria:

1. Tratamento da informação

. as informações disponíveis atendem as necessidades do perfil da instituição?

0 1 2 3 4

apesar de poder melhorar, o trabalho de informações está bem feito. talvez poderiam ter mais informações sobre o uso do backbone e os artigos técnicos mereciam um apuro melhor no tratamento e indexação.

. é possível perceber de forma global a abrangência de conteúdo do site?

0 1 2 3 4

o site permite uma boa relação entre visão global e visão local. talvez um mapa do site bem completo deve ser explorado com funcionalidade de busca

. o detalhamento da informação é fornecido de acordo com a necessidade?

0 1 2 3 4

o site oferece um bom benefício de conteúdo mas os nodos hipertextuais e informações relativas a tópicos de interesse local poderiam ser melhor explorados.

. as informações disponíveis são atuais?

0 1 2 3 4

o site tem um bom trabalho de atualização. quase nota máxima. mas as notícias poderiam estar um pouco mais adiante no tempo em vez de correndo atrás do prejuízo. e de vez em quando uma informação desatualizada passa em branco. poderiam ser estudadas controles automáticos de versões e atualizações.

. o site está bem indexado junto aos principais engenhos de busca?

0 1 2 3 4

possui boa indexação em alguns. mas vale a pena uma revisão desse aspecto.

pontuação total: 20 - pontuação obtida: 15

porcentagem obtida: 75%

Índices de pontuação:

acima de 96%: ótimo superior

de 91% a 95%: ótimo

de 81% a 90%: bom superior

de 71% a 80%: bom

de 61% a 70%: regular superior

de 51% a 60%: regular

de 41% a 50%: regular inferior

de 31% a 40%: ruim

de 21% a 30%: ruim inferior

de 11% a 20%: péssimo

de 0% a 10%: péssimo inferior